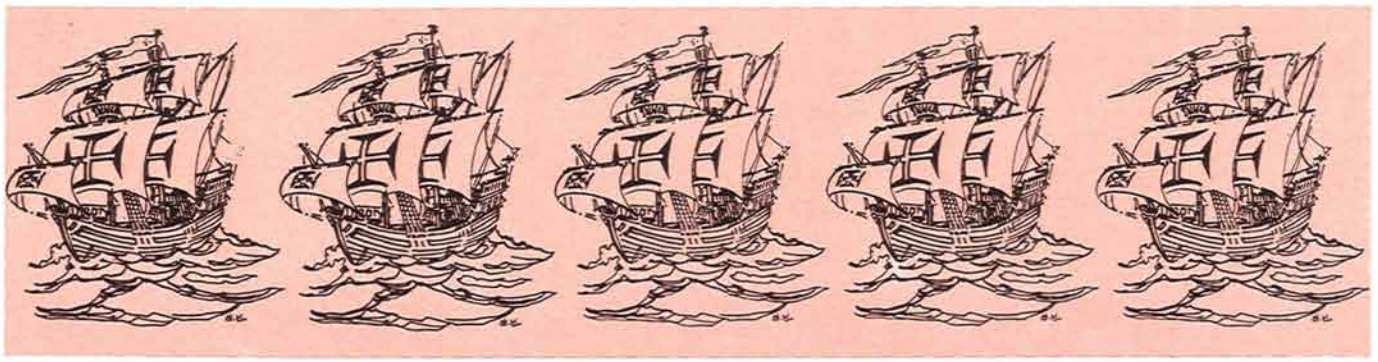
N.º 18 / MARÇO 1973 / ANO II

revista da ARMADA

sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Horta	**Efemérides Navais**	4
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	4
O. Lemos	**Bibliografia**	5
S. Elpídio	**A Pátria Honrai**	6
Redacção	**Quantas Outras Histórias Verdadeiras Estão por Contar?**	7
T. Abreu	**Ultramar** Cabinda	8
Boletim do CDCR	**Viva a Marinha**	11
A. Chuquere	**Retalhos da Vida do Mar** Reserva Naval	12
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** A Exploração dos Fundos Oceânicos	13
S. Elpídio/Redacção	**Saibam Todos**	16
P. Caneiras	**Barros Negros**	17
A. Coentro	**Uma Certa Saudade**	18
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	20
G. Brandão	**Filatelia**	21
Redacção	**Voz da Abita**	22
B. Carreira/S. Elpídio	**Curiosidades**	23
P. Caeiro	**Desporto**	24
S. Elpídio	**Reportagem**	26
S. Machado	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 18 / MARÇO DE 1973 / ANO II

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa:

Base Naval – Ferros tipo almirantado, símbolos de um passado glorioso.
(Foto de A. Fernandes, fotógrafo do Gab. de Fotog. do E. M. A.)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

A ARMADA Como elemento de propaganda do País

Os marinheiros são, sem se darem conta disso, verdadeiros embaixadores do seu país nas terras que visitam. É através deles que as populações formam a sua ideia acerca da nação a que pertencem.

Com a sua farda, que é um verdadeiro passaporte universal, o marinheiro desembarca em qualquer porto do Mundo absolutamente livre de controlo. Mas, a par deste grande privilégio, tem também graves responsabilidades. Todos sabem que quando chegam navios de guerra a um porto e os seus marujos se espalham pela cidade, como gaivotas a fugir ao mar, toda a gente pergunta de onde são. E do seu porte, da sua educação e do seu aprumo se avalia o nível do povo e da nação que representam.

Já muitas vezes tive ensejo de, neste aspecto, me sentir orgulhoso dos nossos marinheiros.

Por exemplo, na América, em Jacksonville, onde as guarnições de 6 patrulhas que lá fomos buscar deixaram a melhor das impressões e foram elogiadas por todos os jornais, em termos que muito honram o País; em Londonderry, na Irlanda do Norte, onde um almirante inglês apontou os portugueses como os mais estimados pela população local de entre várias Marinhas da N. A. T. O. ali representadas.

É isto que muita gente não sabe. A visita dos nossos navios de guerra ao estrangeiro constitui a melhor e a mais viva propaganda do País. Ocorrem-me muitos exemplos que deixarei para outras «Notas», visto esta já ir longa.

Com.

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE MARÇO

Em 28 de Março de 1545, «uma esquadra composta de 6 naus, a «São Tomé», a «São Pedro», a «Santo Espírito», a «São Mateus», a «Santa Cruz» e a «Salvador», navegava Tejo abaixo em demanda da barra, com destino a Goa, capital do nosso império oriental. Era seu capitão-mor D. João de Castro, que seria o futuro vice-rei da Índia».

Em 11 de Março de 1851, nasce em Lisboa o contra-almirante João Braz de Oliveira, autor de vasta obra literária ligada a assuntos náuticos. Foi professor ilustre da Escola Naval até à sua passagem ao quadro auxiliar, em 7-9-917, e «não resistiu quando no dia 10 lhe foi comunicado que a sua cadeira ia ser posta a concurso, havendo para tal efeito reunião do Conselho a 12».
«Não quis no dia 12 assistir ao Conselho (...). Momentos depois morria o contra-almirante João Braz de Oliveira, exemplo de professor, que ensinou e formou, na verdadeira acepção da palavra, trinta e quatro gerações de oficiais».

M. Horta
Sarg.-aj. L

Perguntas... Com Cocha

1 – Embarcação andeja é vadia?
2 – Os andorinhos são andorinhas-machos?
3 – Se um objecto se encontra ao lume de água, arde?
4 – E ao som do vento, canta?
5 – Para se apagar o vento, sopra-se?
6 – E para apalpar o fundo, é necessário tocá-lo com a mão?
7 – Aparelho de disparar, dá tiros?
8 – Apartamento é casa de habitação?
9 – E apartar é separar uma briga?
10 – Apegar-se ao vento é afeiçoar-se-lhe?

Respostas... Descochadas

1 – A embarcação andeja é a que anda bem, a que tem bom andamento.
2 – Dá-se o nome de andorinhos aos cabos que seguram os seios dos estribos para as vergas; recebem a mesma designação os cabos suspensos dos paus de surriola com sapatilhos para amarração das embarcações; pode ainda ser dado este nome a peças de poleame de laborar de dois ou três gornes que servem de retorno e guia aos cabos de manobra.
3 – Estar ao lume da água é estar à sua superfície.
4 – Estar ao som do vento é encontrar-se à mercê ou à vontade do vento.
5 – O vento apaga-se quando se extingue, quando deixa de soprar.
6 – Apalpar o fundo é procurá-lo com o prumo de mão.
7 – Um aparelho de disparar é um dispositivo mecânico que, operando manualmente, permite desengatar simultâneamente as duas talhas duma embarcação salva-vidas.
8 – Apartamento é a designação dada à distância entre dois pontos do mesmo paralelo expressa em milhas.
9 – Apartar é caminhar para leste ou oeste, segundo um paralelo.
10 – Apegar-se ao vento é ter tendência para seguir na direcção donde sopra o vento.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

bibliografia

PRÉ-HISTÓRIA DE PORTUGAL, *pelo dr. M. Farinha dos Santos*

Fazendo parte da «Bibliotèca das Civilizações Primitivas», a Editorial Verbo apresentou há pouco o volume «Pré-História de Portugal» que é uma bela obra de divulgação elaborada com o propósito de dar uma panorâmica, tanto quanto possível cientificamente reconstruída, de um período de certa forma nebuloso da nossa história.

ROMANCE DE UM RAPAZ POBRE, *de Camilo Castelo Branco*

No prosseguimento da publicação das «Obras Completas de Camilo Castelo Branco», a Parceria A. M. Pereira acaba de editar o «Romance de Um Rapaz Pobre».

MEMÓRIAS, *pelo dr. Pedro Theotónio Pereira*

Acaba de surgir em edição da Verbo, o primeiro volume das «Memórias» do dr. Theotónio Pereira, cobrindo o período de 1908 a 1938. É um documento a ter em conta para uma análise histórico-política deste período da vida nacional.

A PALAVRA ESSENCIAL, *por Adolfo Casais Monteiro*

A Verbo traz a público a 2.ª edição desta bela obra de Casais Monteiro. O ensaísta, o crítico e o poeta, dão-se as mãos para nos oferecer, nesta colectânea de ensaios, magníficos estudos críticos cujos temas se situam tanto nas fronteiras do pensamento como no campo das realizações artísticas e da concretização da beleza. O volume reune os seguintes ensaios: A Ideia de Modernidade; Notas sobre Poesia; Problemas da Poesia Moderna; Perspectiva do Surrealismo; Dizer não Dizendo; A Superstição da Forma; Baudelaire e Supervielle.

LETÍCIA E O LOBO JÚPITER *(ficção), por Domingos Monteiro*

O último livro de Domingos Monteiro é um livro de estranha concepção, embora de leitura amena e cativante. O livro é dedicado, como um símbolo, «à memória de Letícia, última sacerdotisa da Ibéria». Como nas tragédias gregas, parece de antemão conhecer um destino irrevogavelmente delineado. Simbólica é também a dedicatória «à memória do lobo Júpiter, amigo fiel e servidor dos Deuses» intérprete enigmático dessa justiça que há-de exaltar o homem e o fará triunfar das forças que pretendem subvertê-lo com a sua «mãe» Natureza. A luta a que assistimos é a do homem de sempre, o eterno faminto de espaço e de tempo, confinado aos limites da sua própria porção de matéria mas tateando, na vaga luz do seu mundo sensorial a realidade sobrenatural que o transcende. E isso, teimosamente, até ser capaz de intervir no próprio destino, agora aliado de Deus, vencendo a morte que, para ele, já não existe.

HISTÓRIA DE UMA MENINA, *por Manuel Ferreira*

Em edição da Europa-América surgiu há pouco esta história para crianças, com ilustrações de Mariana Pardal. Pertence à colecção «Educação pela Arte».

TERRA TRAZIDA *(contos), por Manuel Ferreira*

A Editora Plátano acaba de lançar no mercado este novo livro de Manuel Ferreira. «Terra Trazida» é um livro de contos de temática cabo-verdeana. Através deles vivemos o ambiente dessa tão característica insularidade e dessa natureza tão madrasta que marca as almas e as vidas com o doloroso estigma de sofrimento, de angústia, de resignação, revolta e luta.

QUADROS NAVAIS, *pelo contra-almirante Celestino Soares*

Com a publicação dos volumes 10 e 11 da «Colecção Documentos» editada pelo Gabinete ficou concluída a reedição do 3.º volume daquela obra do contra-almirante Celestino Soares.

PILOTAGEM NAS BARRAS DE LISBOA E NO RIO TEJO, *por Joaquim António Martins, cabo-piloto do Rio e da Barra de Lisboa*

Oferecida pelo autor, recebemos a publicação em epígrafe, numa cuidada edição do Instituto Hidrográfico. Trata-se de um trabalho exaustivo relativamente a todas as particularidades da pilotagem nas Barras de Lisboa e no Rio Tejo. Elaborado com magnífica ordenação de assuntos e documentada com inúmeros planos, croquis, cartas e fotografias, esta obra honra os Serviços de Pilotagem do Porto de Lisboa e enaltece sobremaneira o seu autor quer pela qualidade das descrições quer pelo valor da documentação que oferece. Nesta obra, graficamente atraente, se sintetiza e esgota tudo o que interessa à pilotagem no Porto de Lisboa e no rio Tejo.

O. Lemos
Cap.-frag.

---

a Pátria honrai

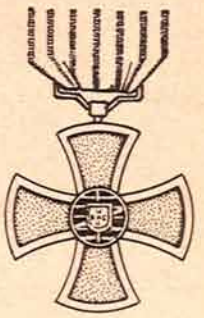
A atribuição da medalha da Cruz de Guerra de 4.ª classe ao cabo fuzileiro especial n.º 4548 – FRANCISCO ANTÓNIO DA CRUZ, do Destacamento n.º 6 de Fuzileiros Especiais, foi o justo prémio para o conjunto de qualidades que demonstrou possuir em alto grau: coragem, sangue-frio, agressividade, serena energia debaixo de fogo e desprezo pela vida.

Seguindo em todas as operações sempre à testa da coluna, ou sendo voluntário para ocupar os postos de maior risco, evidenciou-se em vários contactos de fogo com o inimigo pela sua decisão e indiferença pelo perigo, conseguindo galvanizar os camaradas com o seu exemplo e obtendo para a unidade resultados francamente favoráveis, por vezes em situações extremamente difíceis.

Em uma das operações em que participou, reagindo a uma forte emboscada, dirigiu de pé e a peito descoberto a sua secção, carregando sobre o inimigo, fazendo-o silenciar e capturando o armamento que transportava.

Para além das qualidades reveladas em combate, soube o cabo CRUZ impor-se sempre de forma a obter um ascendente positivo sobre os seus camaradas. Muito zeloso nos encargos que lhe incumbiam, dedicado ao serviço, sensato e humano no trato com os subordinados, executando com competência as funções do seu posto e as inerentes ao posto superior que várias vezes desempenhou com pleno agrado do comando, demonstrou uma vez mais possuir qualidades que o acreditam como elemento de grande confiança e valia, aliás já pùblicamente reconhecidas em resultado da sua actuação em outras unidades de fuzileiros.

N. R.: *O cabo fuzileiro especial CRUZ é natural de Torre de D. Chama, concelho de Mirandela, distrito de Bragança.*



QUANTAS OUTRAS HISTÓRIAS VERDADEIRAS ESTÃO POR CONTAR?

«O ÚLTIMO HERÓI DE DIU»

«O ERICEIRA»

«SANGUE DUM VALENTE TRANSMONTANO REGOU TERRAS MOÇAMBICANAS»

«HERÓIS DOS RIOS DA GUINÉ»

Pede-se e agradece-se a todos os oficiais, sargentos e praças que saibam de casos em que camaradas seus tenham morrido em combate, o favor de nos enviarem relatos, o mais detalhado que for possível, a fim de serem publicados em banda desenhada se for caso disso.

CABINDA

Vista parcial de Cabinda

O enclave depois do Tratado de Simulambuco, assinado em 1 de Fevereiro de 1885 entre as autoridades indígenas que solicitavam o nosso protectorado, e o comandante da corveta «Rainha de Portugal», capitão-tenente Guilherme Augusto de Brito Capello, acha-se compreendido no espaço do Estado de Angola. Acentuemos que a Conferência de Berlim nos reconheceu o direito ao enclave. A oeste confina com o oceano Atlântico, a norte e a nordeste com o território da República do Congo (Brazaville), Congo ex-francês, e a sul e sudoeste com o território do Congo ex-belga, actualmente República do Zaire. A linha da costa fixa-se em 150 quilómetros. Atinge 112 quilómetros na sua maior largura. A sua área é de 7680 quilómetros quadrados (aproximadamente equivalente à área do Algarve).

Os limites de Cabinda são fronteiras vivas dividindo territórios e populações que, no decurso dos séculos, se mantiveram sob administração portuguesa. Foram tais limites regulados com a França pelo Convénio de 12 de Maio de 1886 e com o Estado Independente do Congo pelo Convénio de 25 de Maio de 1891.

Foi seu primeiro Governador (do Distrito do Congo com sede em Cabinda que abrangia, além do enclave, outros territórios de Angola entre os rios Loge e Zaire) o capitão-tenente João de Brissac das Neves Ferreira a que se seguiram (1885 a 1901) mais 8 oficiais da nossa Armada. Actualmente, o território de Cabinda forma admi-

nistrativamente um distrito, um dos 14 que constituem o Estado de Angola.

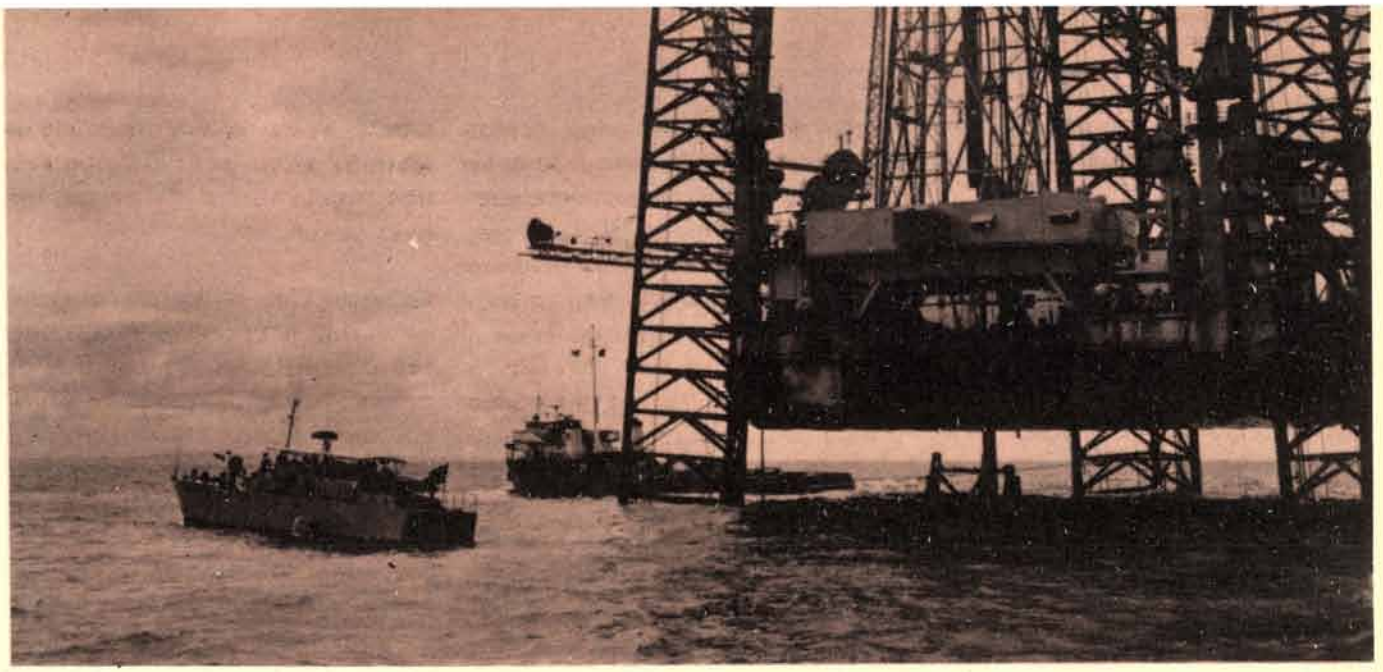
Portugal, devido às suas virtudes naturais de saber lidar com os povos, respeitando os seus valores e tradições, conseguiu impor-se à consideração e respeito dos cabindas. Com efeito, a maioria das feitorias inglesas, holandesas e francesas, estabelecidas a norte do Zaire, estavam confiadas a portugueses que eram os seus gerentes e arrendatários, porque os outros brancos não conseguiram adaptar-se. As qualidades inatas dos portugueses contribuiram para que os cabindas viessem a preferir a protecção de Portugal, repudiando ambições estrangeiras. A convivência com o branco é cultivada na sua expressão natural e, portanto, simples.

A população actual de Cabinda anda próximo da centena de milhar, distribuída por todo o enclave. Na única cidade vive cerca de um quinto da população do distrito. O indígena de Cabinda, banto da tribo Bakongo é dos mais evoluídos de toda a Angola. Praticamente não existe analfabetismo nas camadas mais jovens. Aproxima-se dos 20 000 o número actual de estudantes. São os pais os primeiros a obrigar os filhos a irem para a escola. Excede o milhar o número de africanos pretos com negócio próprio: prédios de aluguer, cantinas (lojas onde se vende de tudo), camionetas de carga, etc. ... Não há fome, não há miséria. Há trabalho para todos, desde que queiram trabalhar, o que nem sempre acontece...

O enclave de Cabinda tem como rio principal o Chiloango, com uma extensão navegável de 200 quilómetros, sendo 160 em território português. Gago Coutinho teve o seu primeiro comando exercendo a fiscalização daquele rio na lancha-canhoneira «Loge». Mais recentemente, os nossos fuzileiros com botes de borracha mantiveram durante algum tempo o seu patrulhamento. Na actualidade, os Serviços Provinciais de Marinha zelam pelo cumprimento dos regulamentos da pesca, tráfego fluvial, etc.

Cabinda é terra de futuro. O espírito das suas gentes e as riquezas do seu solo são factores do progresso rápido que já se sente. Por todo o lado casas em construção, estradas novas asfaltadas, novos edifícios públicos, novas indústrias, etc. As riquezas do seu solo e subsolo – petróleo, madeiras, asfaltos, fosfatos, potássio, ouro, grafite, manganês e outros – são determinantes do ritmo de progresso que se nota no Distrito. A indústria de madeiras constitui importante fonte de riqueza. Dadas as suas magníficas qualidades, são exportadas para vários mercados mundiais cerca de 40 diferentes espécies (na floresta do Maiombe há mais de 200 qualidades diferentes de madeira). O cacau é um dos melhores do mundo. Produz café, óleo de palma, coconote, etc.

Cabinda – Trecho do rio Chiloango



A lancha de fiscalização «Vénus» junto da sonda «Mister Jack» que opera em Cabinda desde 1968

Porém, o petróleo foi talvez o factor mais responsável pelo desenvolvimento que se observou em Cabinda nos últimos anos. A reserva estimada em princípios de 1969 era de 1200 milhões de barris. No entanto, a descoberta de novos jazigos fez elevar aquele número. Contam-se já cerca de 130 poços no mar além de outros em terra. A produção actual poderá atingir cerca de 50 000 toneladas diárias havendo compradores e petroleiros disponíveis. O campo petrolífero que está a ser explorado encontra-se em águas pouco profundas contendo múltiplos reservatórios a profundidades que vão de 400 a 500 metros e de 2200 a 2300 metros abaixo do fundo do mar. No entanto, há outros jazigos mais profundos e em fundos maiores. Por esse motivo uma outra companhia requereu a concessão de uma área exterior à da Cabinda Gulf, isto é, em fundos superiores a 200 metros.

No distrito de Cabinda vigora um regime aduaneiro razoável, competitivo e semi-livre que contribui para a consolidação da sua economia e que em parte foi responsável pela eliminação do terrorismo na fronteira com a República do Zaire. A ele se deve também um esboço de turismo, não tão pequeno como poderá parecer à primeira vista, praticado pelos europeus e até africanos residentes naquele país vizinho.

Ademais Cabinda é uma terra maravilhosa, cheia de belezas naturais. Todo o turista ou simples visitante tem muito que ver. Dentro da cidade poderá assistir a um merengue, música e dança tão característica da região e comer seus pratos tradicionais, não esquecendo o saca-folha. Ao sul da cidade, estrada asfaltada até à fronteira, que fica a 25 km, no lema, as extensas planícies são um belo motivo. No norte da cidade, estrada rumo ao Malongo (terminal do petróleo), Landana a 48 km, de bom asfalto, até à fronteira com o Congo-Brazza, na Lagoa do Massabi, excelente para pesca e desportos náuticos, fácil será entrar no mundo de curiosidades turísticas, desde o Padrão comemorativo do Tratado de Simulambuco, o Cemitério dos Nobres, a maravilhosa baía do Malembo (onde enormes tartarugas se contam por centenas) até à tão falada floresta do Maiombe, local único de Angola e como poucos no mundo, onde se poderão ver, além de árvores gigantes, famílias de gorilas, etc. Em muitos locais, a luz não penetra e mesmo num dia de sol há que usar o «flash» quando se tiram fotografias. A nova estrada asfaltada atravessa todo o Maiombe passando pelo Dinge, Buco-Zau (buraco do elefante na língua indígena), o miradouro de Bata-Sano, Belize, a serra do Muabi, maior altitude do distrito com panoramas grandiosos e terminando em Miconge junto à fronteira. O seu traçado moderno permite atravessar todo o distrito na sua maior extensão com uma viatura de turismo em menos de 3 horas, o que, há muito poucos anos, era uma odisseia de, pelo menos, 24 horas com um jeep.

Como belezas naturais não esquecer as numerosas lagoas do interior, as praias e o rio Chiloango com as suas encantadoras margens, enfim, um conjunto de maravilhas ao dispor de quem visitar Cabinda. O seu clima evidencia duas estações definidas, uma pluviosa e outra seca, ajustando-se absolutamente a um clima tropical de transição para o clima equatorial litoral. É uma das regiões litorâneas de Angola mais quentes, com máximas de 32º e mínimas de 23º.

A Marinha, que desde o início tem estado presente em Cabinda, tem o seu comando de Defesa Marítima, um Posto Radionaval e algumas lanchas de fiscalização atribuídas. Os Serviços Provinciais de Marinha fazem-se representar pela Capitania do Porto de Cabinda com a sua delegação marítima em Landana.

Turíbio Abreu
Cap.-frag.

VIVA A MARINHA

Do «Boletim do Centro de Desporto, Cultura e Recreio do Pessoal dos CTT» n.º 78, de Janeiro último, que nos foi enviado pelo nosso assinante Carlos Manuel Estrela, de S. Miguel, Açores, transcrevemos com a devida vénia o artigo em epígrafe:

«O caso ocorreu há algum tempo:

«Como cenário, o Metropolitano de Lisboa, no percurso do Rossio à Rotunda, numa hora de ponta, que parecem sê-lo agora todas as que decorrem desde as 8 até às 21.

«Como personagens, um senhor sexagenário que vinha do médico, um grupo de jovens marinheiros e essa multidão apressada, rolante e um pouco selvática que, escravizada pelo relógio e as preocupações da vida, há muito segue o lema "salva-te como puderes... e os outros que se arranjem" (para não empregar outra expressão que, sendo embora de calão, estava mais própria para o caso).

«Pagos os 1$50 da passagem, o senhor sexagenário, quedou-se perplexo e aturdido quando se encontrou perante uma composição já cheia e uns centos de pessoas que estavam na plataforma a aguardar outro comboio... que viria também cheio.

«Não sabia judo e sentia-se doente, tremeu pelo seu físico e pensou em dar ao diabo as 3 moeditas – muito procuradas agora não sei para que misteriosos fins! – que "oferecera" à empresa do Metropolitano.

«Preparou-se para subir as escadas de degraus já muito gastos – como teria prazer em dizer que eram escadas rolantes! – pensando como seria "aquilo" em dias de Inverno com as actuais duas carruagens ou mesmo com as prometidas quatro (para quando, na verdade?) ou as 6 por composição, como é de admitir que já esteja em estudo para entrarem em circulação dentro de anos muito próximos!

«De repente chegou um alegre grupo de 4 ou 5 jovens da nossa Marinha de Guerra. Avançou para a carruagem mais próxima, como um comando, delicado mas firme. A multidão abriu-se numa retracção espontânea. O sexagenário teve a sorte de ficar no meio desse "comando" e encontrou-se no interior da carruagem, sem saber como, mas inteirinho!

«Nos Restauradores sairam, quase pelo ar, uns tantos,

e entraram "outros tantos mais tantos". E couberam, certamente porque todos os "passageiros – sardinha-em-lata" se encolheram.

«Então o sexagenário protagonista começou a ficar apreensivo, indagando-se como sairia dali, na Rotunda. Disse-o em tom audível a um dos marinheiros que estava perto, que o olhou e compadecendo-se do seu aspecto cansado e doentio, lhe respondeu que não se importasse: "eles" cobriam-lhe a retirada.

«Assim foi. Parada a composição e mal a porta começava a abrir-se e a multidão exterior se preparava para o assalto, o "comando" enfrentou a situação, deu escoamento às pessoas que saíam. Isto com uma serenidade que bem traduziu aquela outra com que estão agindo e continuarão a fazê-lo nas terras portuguesas do Ultramar, onde se batem com valentia e nobremente.

«Não teve o "viajante – sardinha-em-lata", tempo para agradecer. De resto se o fizesse naquele momento poderia até ser cilindrado por uma invasão de mais gente que mudara de linha.

«O que não faria alterar, no entanto, a impávida calma de um "indivíduo-empregado" do Metro que ANDAVA POR ALI!

«Mas o facto não ficou esquecido. Por isso, aproveitando um canto deste Boletim aqui está, embora já um pouco tardiamente a relatá-lo, com um agradecimento a esses jovens marinheiros, que fizeram aquilo que o tal "indivíduo-empregado-metropolitânico" deveria ter feito, com a ajuda até de outros, quando as coisas se complicassem: evitar que o espaço das zebras pintadas no chão estivesse totalmente ocupado pela multidão que desejava embarcar; e não deixar que ninguém embarcasse sem que saissem os que para aquela estação se destinavam. Doutra forma vigorará a lei da selva!

«Dirão os poucos moralistas que nos lerem:

«SE FOREM DO GÉNERO ACACIANO – que tudo resulta da falta de educação e respeito mútuo dos que utilizam aquele transporte. Onde existem, pergunto, esses predicados nas multidões, seja de que país forem?

«SE FOREM PARTIDÁRIOS DA VIOLÊNCIA – que quem está doente não se mete em apertos daqueles, que ande a pé ou vá de automóvel, ai dos vencidos! Respondo-lhes que há distâncias que, mesmo sendo pequenas, as pessoas doentes não podem percorrer com facilidade; que os táxis, embora já acessíveis, segundo parece, a todas as bolsas, passam sempre cheios e são apanhados, quando livres e sem o letreiro "em serviço", também pelos que se não incomodam EM ATROPELAR PARA GANHAR; e ainda que há bastantes pessoas – embora não pareça – que não podem ter automóvel próprio, ou que tendo-o não sabem onde arrumá-lo em certas zonas.»

N. R. – Ousamos fazer notar que os sexagenários da Armada estão fora de causa. Os ares do mar deram-lhes outra têmpera...

RETALHOS DA VIDA DO MAR

Reserva Naval

Serviu como imediato do patrulha que eu então comandava, na última fase da sua longa permanência na Marinha, pois a sua passagem por cá prolongou-se por cinco anos, o que, para um oficial da Reserva Naval, não é comum.

Estive com ele há pouco tempo, quando veio a Lisboa, ainda antes do último Natal, e, demonstrando-me muita amizade e certa saudade, me visitou, acompanhado da sua mulher e de dois filhos que eu ainda não conhecia.

Durante essa curta visita, a Marinha foi tema!

Verifiquei que no meu ex-imediato – hoje senhor engenheiro esplendidamente colocado numa grande empresa do Norte – o gosto e o entusiasmo que contraiu pela Armada se mantinham intactos.

Recordámos nessa noite cenas das comissões feitas no navio, especialmente da última, com 10 meses passados nos Açores, episódios vários da rotina de bordo, momentos agradáveis e situações de «rascada», expectativas em manobras havidas, mas sobretudo, e sem disso especialmente falarmos, transpareceu-me na sua conversa, no modo como mostrava aos filhos as fotos do nosso ex-navio e outras dos meus álbuns navais, a satisfação que tivera em ter sido «destas casas», na vida que passámos juntos, em que ele fora, ainda que episodicamente, um homem do mar.

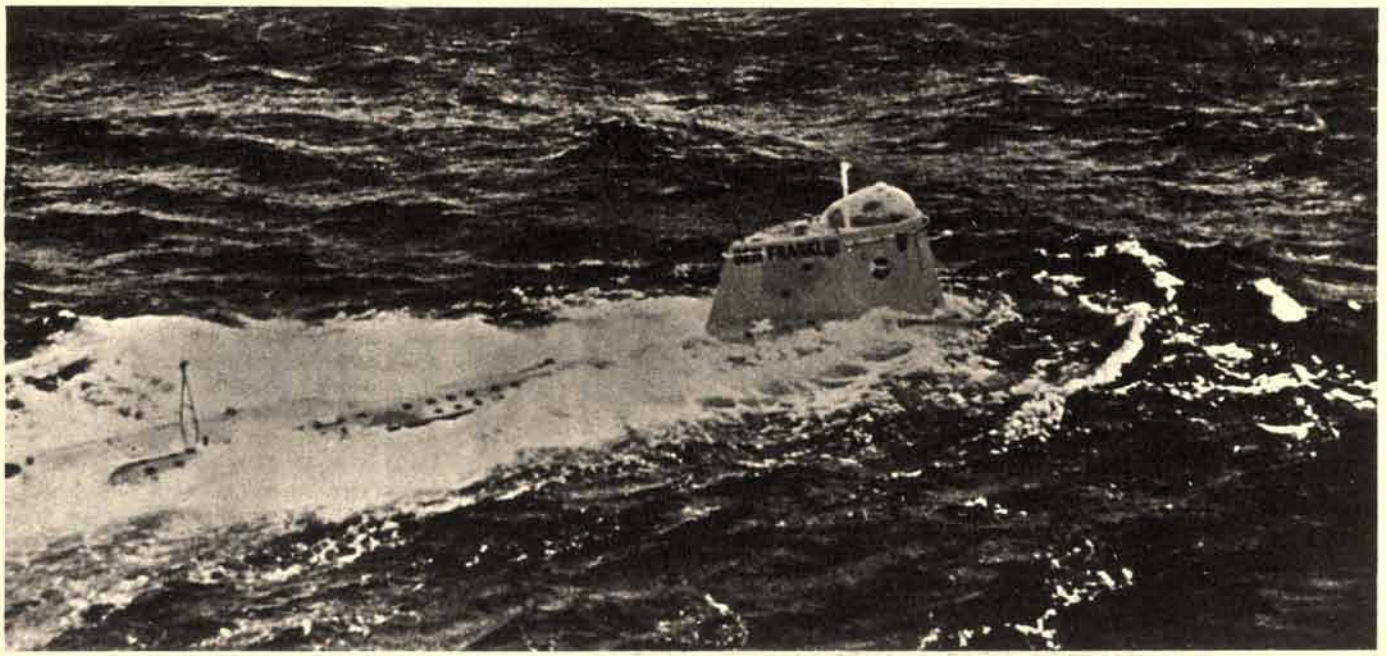
Depois, naturalmente, veio uma troca de palavras sobre a sua actual situação, a sua vida de agora, como estava satisfeito, como vivia com gosto, dedicado à profissão que escolhera ditada pela sua vocação.

– De facto, comandante, estou muito satisfeito, mas quero-lhe dizer que não me importo nada, antes gosto e tenho muita honra, que o senhor, quando se distrai, me continue a tratar por imediato.

Julgo que não foi só episódica a passagem do senhor engenheiro pelo Mar!

A. Chuquere
Cap.-frag.

A Exploração dos Fundos Oceânicos



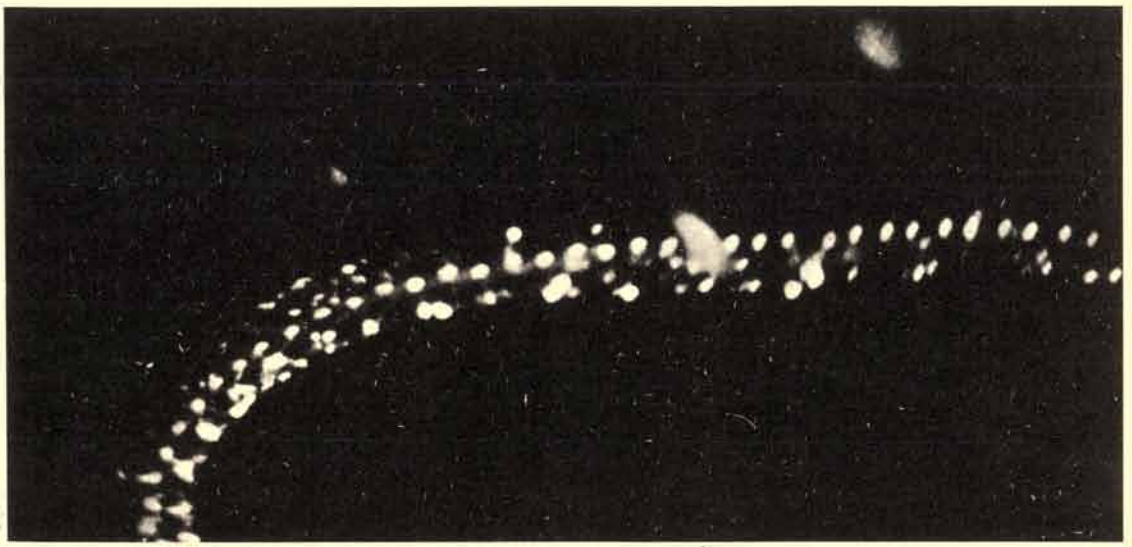
O «Ben Franklin» a navegar

A Oceanografia é uma ciência recente; tem apenas algumas décadas. E a observação sistemática e directa do fundo dos mares tem simplesmente alguns anos. A batisfera de William Beebe e o batiscafo do professor Auguste Piccard foram os precursores de uma série de engenhos submarinos de exploração e investigação dos fundos marítimos que conta actualmente mais de 100 unidades. Uns, como o «Trieste» e o «Arquimedes», podem descer a qualquer profundidade, por maior que seja; outros, como o «Ben Franklin», podem alojar uma equipa de cientistas durante um mês debaixo de água; outros ainda, como o «disco mergulhador», podem penetrar em fendas estreitas e profundas de paredes alcantiladas e que se julgavam inacessíveis a qualquer submarino por mais pequeno que fosse; outros, enfim, como o «Auguste Piccard», estão concebidos para levar a bordo umas boas dezenas de turistas que se maravilham com o espectáculo deslumbrante dos fundos marinhos.

Hoje em dia não existe qualquer profundidade abissal inacessível ao Homem. Na realidade, no dia em que o batiscafo «Trieste» (já lá vão 13 anos) desceu à fossa mais profunda que se conhece – a fossa de Challenger, com 11 quilómetros de fundo, ao largo da ilha Guam, no Pacífico Ocidental –, ficava demonstrada aquela possibilidade. E, contrariamente ao que se julgava, essas fossas abissais eram frequentadas por seres vivos (alguns dos quais atingiam alguns centímetros) que espantaram os biólogos com a sua capacidade de resistência a tão colossais pressões.

Na década de 60, processou-se um desenvolvimento técnico enorme na concepção e possibilidades dos microssubmarinos de investigação científica. Só os Estados Unidos construíram cerca de vinte, dos quais o «Ben Franklin» – o mesoscafo de Piccard e Grossman – completou, no Verão de 1969, a mais extraordinária aventura submarina: vogando, durante um mês, ao sabor da Corrente do Golfo, atravessou o Atlântico Norte. Entre os engenhos mais célebres desta época contam-se o «Aluminaut» (de que tanto se falou aquando da recuperação

Amostra de plâncton

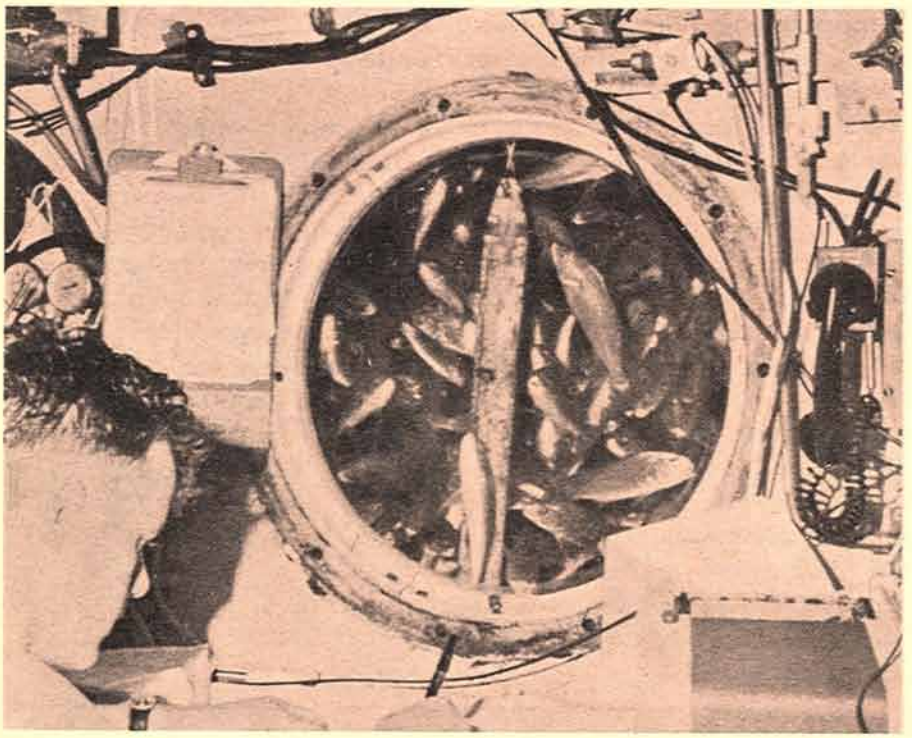


Amostra de plâncton

Caranguejo-aranha do fundo do mar ao largo da Florida

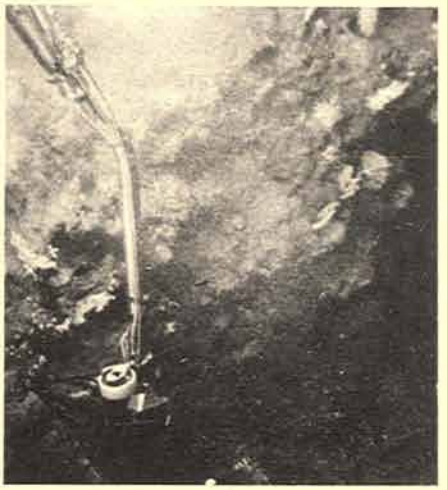
da bomba atómica caída no Mediterrâneo ao largo da costa de Espanha), o «Alvin I», os «Sea Star» e o «Deepstar 4000». Este último fez recentemente uma descida de 11 000 metros no golfo da Califórnia explorando a linha de fracturas resultante do deslocamento das plataformas dos continentes e fundos oceânicos. Um dos cientistas a bordo do «Deepstar 4000» faz-nos esta descrição: «A 30 metros do fundo largámos o lastro e ficámos com uma flutuabilidade nula. O motor e o sistema de governo permitiam-nos agora deslocarmo-nos à vontade, rasando o fundo ou pousando nele quando assim o pretendessemos. Parados, podíamos observar qualquer animal pelágico ou recolher amostras do fundo com a pinça hidráulica. Subimos pelo eixo da fractura até à superfície. Por todos os lados se podiam ver detritos ou cicatrizes recentes nas rochas, provas iniludíveis de escorregamentos, de afundamentos e de outros movimentos recentes da crusta terrestre. Notavam-se grandes dunas de sedimentos, testemunhos da presença de correntes de água lodosa e de cascatas de vasa. No solo, proliferam seres vivos, atestando a riqueza nutritiva das águas do golfo da Califórnia. Inúmeros crustáceos e peixes lilliputianos, cujo tamanho variava entre 7 e 10 centímetros, distribuiam-se sobre extensões onde só habitava uma espécie; cada animal parece usufruir de um terreno com uma área de cerca de um metro quadrado que lhe está atribuído. Coisa estranha – nenhum destes animais pareceu assustado com a vizinhança do batiscafo. Ou ignoravam pura e simplesmente a nossa presença ou então aceitavam-nos como um dos seus...»

Uma das missões oceanográficas mais espectaculares foi a que realizou o «Ben Franklin» para estudo da Corrente do Golfo e das águas e fundos atlânticos, numa imersão que durou um mês. Estas imersões tão prolongadas, se já não são problema para os grandes submarinos militares,

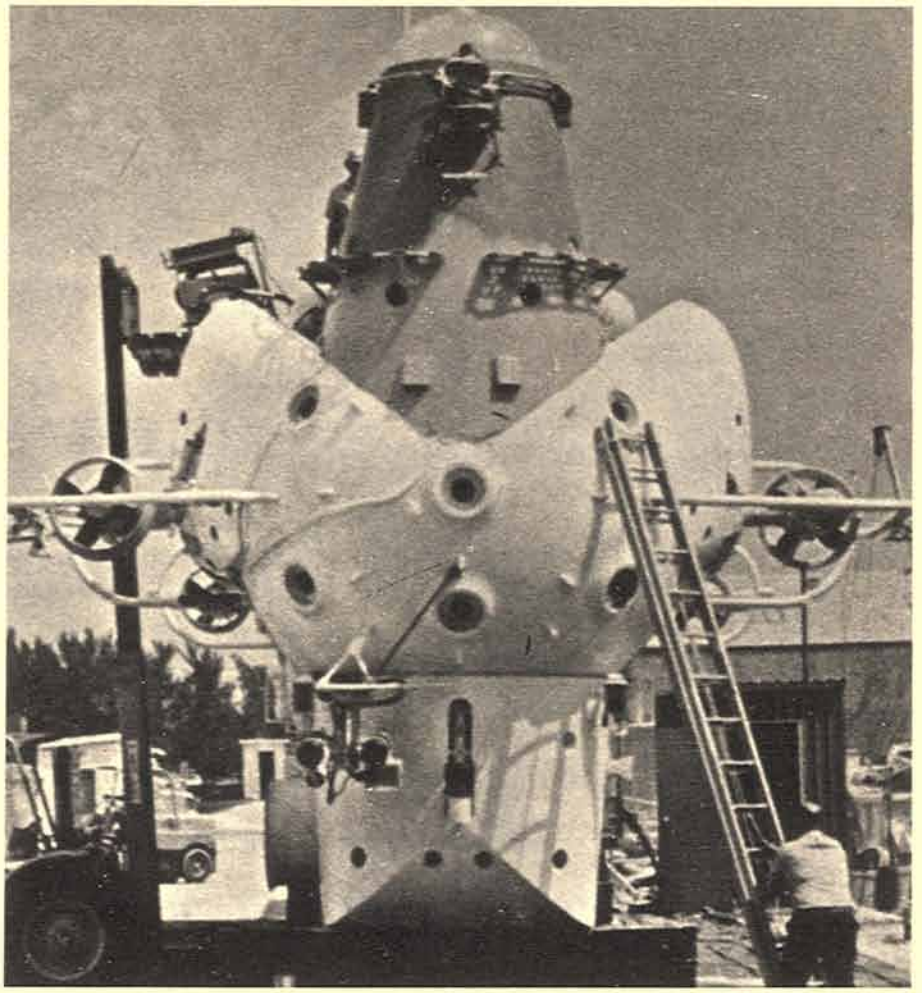


Peixes vistos da vigia do batiscafo comendo plâncton atraído pela luz

A pinça hidráulica do «Deepstar 4000» em acção



O «Ben Franklin» em terra



constituem, no entanto, uma das maiores dificuldades a vencer na concepção de microssubmarinos científicos, dada a exiguidade do espaço disponível.

A bordo embarcaram 6 cientistas e especialistas. Largaram da Florida e deixaram-se arrastar pela Corrente do Golfo. Permaneceram a uma profundidade média de 250 metros fazendo de quando em quando descidas até 500 metros. Percorreram 1500 milhas até chegarem, 30 dias depois, ao sul da Nova Escócia.

Os aparelhos automáticos registaram, cada 2 segundos, a temperatura da água, a salinidade, a velocidade de propagação sonora e a profundidade. Foram milhões de informações que posteriormente foram tratadas por meio de computador.

A gravidade terrestre foi medida durante 13 períodos de cerca de 1 a 2 horas, dando valores de alta precisão ao longo de uma distância de perto de 50 milhas. Efectuaram-se medidas de absorção das ondas sonoras e ultra-sonoras pela água e pelo fundo. Foram executadas 1100 explosões submarinas pelos navios que acompanharam a expedição com o propósito de serem registadas e analisadas a bordo do «Ben Franklin», permitindo, assim, obter aquelas medidas. Tiraram-se 800 pares de fotografias estereoscópicas do fundo do mar. Registaram-se centenas de medidas do teor da água em sais minerais e em clorofila. A medida da clorofila é uma forma de avaliar a abundância

relativa do fitoplâncton na água; isto é de uma importância enorme para a Humanidade porque ele produz, por si só, mais de metade do oxigénio da atmosfera, absorve o excesso de anidrido carbónico e sustenta, à sua única custa, todos os outros seres vivos do mar. Ora a poluição dos oceanos pode ameaçar gravemente a existência do fitoplâncton e a Humanidade tem de estar atenta a essa eventualidade, pois ela levaria ao aniquilamento da vida sobre a Terra.

Foram captadas e analisadas amostras do plâncton. Mediu-se com toda a precisão a velocidade da corrente e, em muitos sítios, verificaram-se alterações enormes relativamente aos valores médios, chegando a registar-se velocidades de 5 nós a nordeste do cabo Hatteras. Nesta região observaram-se vagas internas que faziam descer e subir o batiscafo várias dezenas de metros em alguns minutos. É um fenómeno independente da superfície e que ainda não está explicado. Também se observou e mediu a penetração da luz na água.

Foram colhidos outros dados científicos, agora relacionados com o comportamento e a vida dos tripulantes a bordo e que muito interessavam aos observadores da N. A. S. A., com vista à sobrevivência nas demoradas viagens espaciais pelo sistema solar.

Entre esses dados contam-se: temperatura, teor de oxigénio, anidrido e óxido de carbono, outros produtos contaminadores da atmosfera, sono, comportamento social, reflexos, microbiologia e infecções contraídas, contaminação da água, etc. Por tudo isto, esta expedição do «Ben Franklin» ficou a ser um marco a assinalar uma das maiores jornadas no caminho da ciência e do conhecimento da Terra.

O. Lemos
Cap.-frag.

---

saibam todos

Que a Casa do Militar da Armada proporciona aos sargentos e praças da Armada, durante as suas licenças, a utilização gratuita, em Lisboa, de uma sala de estar provida de bar, jogos, biblioteca, equipamento de rádio e de televisão, facilitando a dormida aos que, não tendo alojamento, lá desejem pernoitar. O custo da dormida é actualmente de 8$50, para sargentos, e de 6$00, para praças.

Que na alfaiataria da Fábrica Nacional de Cordoaria podem ser confeccionados uniformes e fatos civis, de acordo com a tabela em vigor. Para sargentos, são gratuitos os feitios e aviamentos das fardas azuis e branca e para oficiais subalternos os preços dos feitios daquelas fardas beneficiam de uma redução de 50 %.

Que aos oficiais, sargentos e praças do activo ou da reserva prestando serviço efectivo é concedido um crédito para aquisição de artigos diversos nas secções comerciais da Fábrica Nacional de Cordoaria, não só dos artigos produzidos por esta fábrica mas também de diversos produtos de supermercado.

Que crédito semelhante é concedido aos militares da Armada e funcionários do Q. P. C. M. M. para efectuarem compras nas secções das Oficinas Gerais de Fardamento do Ministério do Exército, sendo as respectivas requisições obtidas na Direcção do Serviço de Abastecimento, mediante requisição efectuada pelo organismo onde o interessado presta serviço.

Que pode ser utilizada por pessoal da Armada e funcionários do Q. P. C. M. M. e seus familiares a Cantina da Armada e da Brigada Naval instalada na Praça da Armada, em Lisboa, e na Base Naval, no Alfeite. Para tanto, deverão os interessados efectuar a respectiva inscrição na própria cantina.

Que a roda do leme e a mesa das malaguetas que figuram na capa do n.º 15 da «Revista da Armada» pertenceram ao antigo navio-escola «Sagres», actualmente navio-depósito «Santo André», que assim ficam a perpetuar as numerosas gerações de marinheiros cujas carreiras navais ajudaram a preparar.

Que na província da Guiné foi criado, em 1972, o Tribunal Militar de Marinha. Os lugares de juiz presidente e de juiz auditor são desempenhados pelos 2.º-comandante da Defesa Marítima e juiz da Comarca, respectivamente. Os cargos de 2.º juiz militar, promotor de Justiça, defensor oficioso e de secretário são desempenhados por oficiais daquele Comando.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

BARROS NEGROS

(Foto do subten. RN L. C. Gaspar)

Barros negros da minha terra
vestidos duma tristeza amarela,
QUEM VOS VÊ!
QUEM VOS SENTE!

Lá longe,
De quando em quando,
Résteas de verdura afloram
Numa vontade, numa loucura.
E...
Num desejo, incontido na mórbida secura,
clamam:
VIDA, VIDA!

BARROS VERMELHOS
DE TANTA VERGONHA SENTIDA.

No silêncio das sombras rasgados.
De suor regadas
Douradas sementes.
Aridez lamacenta onde se afundam
CORPOS, CORPOS.
MORTOS, MORTOS.

Barros negros da minha terra
Darão flores, darão frutos,
Numa primavera.

No teu seio cairá o meu nada
e...
Fora amanhã, hoje, agora
se dele brotarem
violetas, violetas brancas
Num jardim de crianças.

Barros negros da minha terra
olhos dos sentidos que vos vêem!!!
Outono, Outono.
Olhos de alma que vos desejam!!!
Primavera, PRIMAVERA.

Palma Caneiras
3.º oficial do Q. P. C. M. M.

UMA CERTA SAUDADE

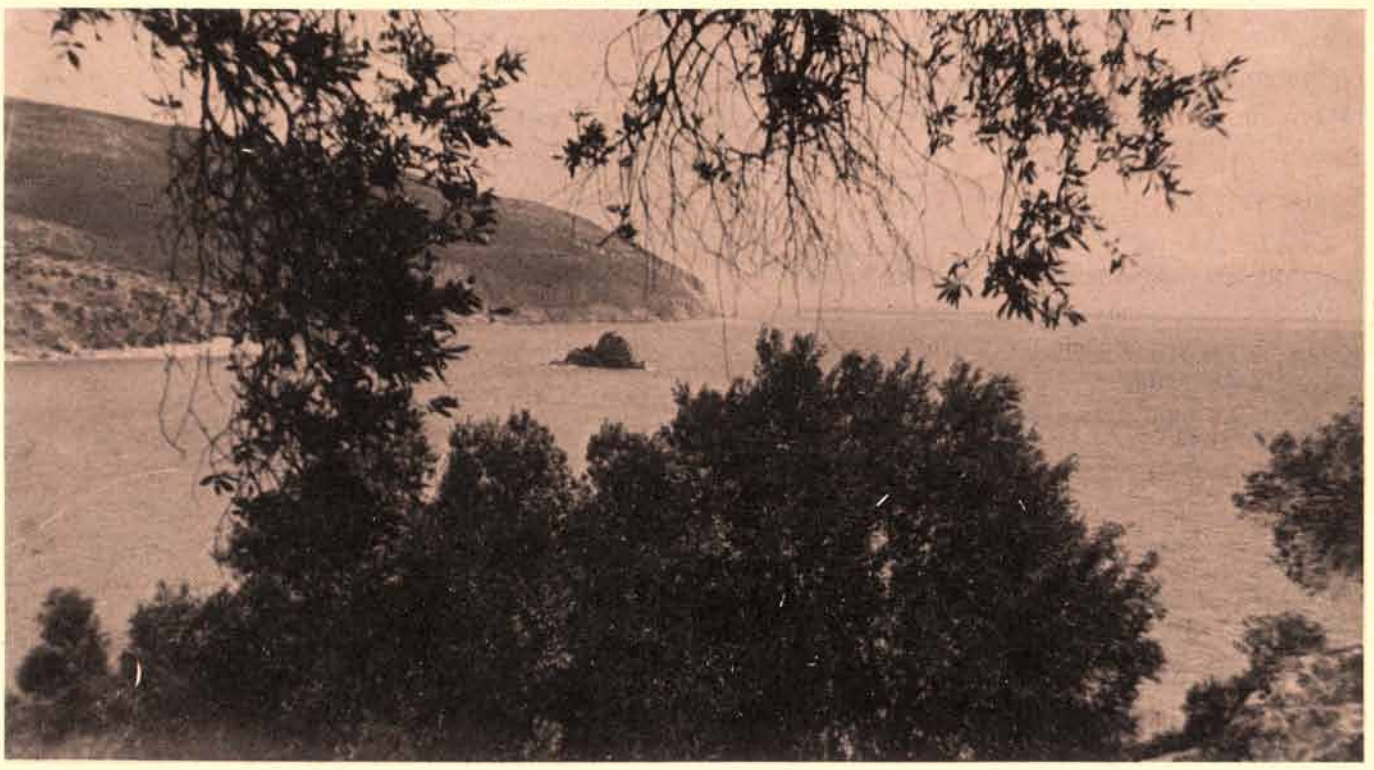
Parou o carro no pequeno miradouro, ali no ponto mais alto da serra da Arrábida. Saiu, abeirando-se do parapeito ameado. Deixou o olhar perseguir os dois navios de guerra, duas fragatas, que, em coluna, se faziam à barra do Sado. Os olhos, os sentidos, a mente, encheram-se-lhe de saudade, uma saudade pertinaz, insidiosa, que o evadia do encanto rude da serra que só Sebastião da Gama soube cantar em toda a plenitude. Saudade que o alheava, outrossim, do panorama deslumbrante da península de Tróia, língua de terra arborizada fugida às ardências do Alentejo, e até da própria mulher que, de dentro do automóvel, o olhava de expressão pensativa, quiçá triste.

Havia cerca de dois anos que saíra da Marinha. Ana Maria deixara-o entre a espada e a parede, quando o noivado de ambos se abeirou do casamento:

– Ou eu ou a Marinha, Henrique!... Não é que eu tenha algo contra a Marinha em si, mas, com franqueza, acho que me sentiria infeliz, se continuasses, com as constantes separações, com o fazer e desfazer da casa, com o peregrinar repetido por outras terras, outros climas, outras gentes. Falta-me o espírito aventureiro que tu tens. Sou muito pela estabilização, pelo criar de raízes profundas num lugar que me agrade, compreendes?

Doera-lhe a atitude peremptória da noiva. Gostava dela, sem dúvida. Mas também gostava muito da Marinha. As melhores recordações da sua vida estavam ligadas à prestigiosa Corporação. Não podia esquecer-se de que, tamanhino, já subia aos pontos altos da sua terra perdida nas anãs charnecas de pinheiros mansos, entre o Sado e o mar, na franja litoral do Baixo Alentejo, e lá ficava horas a fio, mirando o altivo oceano que, atrevidamente, vinha beijar a terra ingénua, fazendo-a mãe de praias doiradas e de dolentes lagoas. Quando adregava de topar um barco, o seu olhar seguia-o teimosamente, até que desaparecesse na linha do horizonte, confundindo a perspectiva. Era um fascínio a que não conseguia furtar-se. De resto, existia nele a ânsia permanente de espaços novos, dilatados, de soledades silentes, que ora o faziam admirar assim o mar imenso, ora o atiravam, qual vagabundo, para a contemplação das extensas plagas alentejanas, sequiosas de águas e gentes, onde as manhãs nasciam rosadas e mimosas, do parto flavescente de aniladas lonjuras. A família bem se preocupava com a estranha inquietude do moço mas, nada o modificava. Dentro dele vivia, brilhante e inamovível, aquela necessidade de desconhecido, de distância, na busca de rumos onde a alma de um homem foge à mesquinhez do limite e se projecta em dimensões de infinito, presa de encantamentos que são quase poesia. Aos poucos, de tanto percorrer os silêncios do seu Alentejo pejado de milagres de pão, cansou-se. Então, virou-se definitivamente para

...ali no ponto mais alto da serra da Arrábida... que só Sebastião da Gama soube cantar em toda a plenitude



Deixou o olhar perseguir os dois navios de guerra, duas fragatas, que se faziam à barra do Sado

o mar... Demandava os quentes areais da orla marítima e, ali, escutava, enlevado, o murmúrio viril do Atlântico, embrenhado em sonhos que o transportavam ao outro lado da imensidade verde-azul. O tio, que algumas vezes o acompanhava, na procura de algum marisco cada vez mais raro, dizia-lhe:

– Ah, tunante! Tens alma de vagabundo ou de marinheiro!

Ficava-se a pensar na analogia das duas palavras. Marinheiro? Vagabundo? Onde começa um e acaba o outro? Aos poucos a sua decisão foi-se fortalecendo, rebocando o sonho para a realidade: iria alistar-se na Armada. Queria saber o que havia para lá do mar a perder de vista. Queria ver que outras terras encurralavam esse mar poderoso, lá onde o Sol tombava em delírios azuis e vermelhos.

E Henrique foi para a Marinha. Passado o período de instrução militar, foi escolhido para electricista. A sua ansiedade de demandar o outro lado do mar cresceu imenso, ao longo dos muitos, muitos meses em que teve de permanecer em terra, a fim de concluir o seu curso. Mas o grande dia acabou por chegar: uma tarde, já marinheiro, saiu pela primeira vez o Tejo, a caminho de Angola. Os seus grandes olhos castanhos sorriram ao espectáculo grandioso daquela orgia de azul e verde, de céu e mar. Desafiou, na proa do navio, as fúrias espumejantes da enorme vastidão líquida. Gozou intensamente o sonho marinheiro da terra que vai crescendo para o navio, primeiro minúsculo ponto negro ou cinzento, depois morro castanho e verde, e finalmente policroma fantasia feita de casas, de ruas, de jardins.

E as viagens sucederam-se, sempre coloridas de espantos novos. Profissionalmente ia-se valorizando lenta, mas progressivamente, embrenhando-se na electrónica, que estudava com afinco. Ao mesmo tempo procurava melhorar a sua cultura geral, tendo em mira um próximo curso para artífices. Lia, estudava, trabalhava. Ser sargento artífice, ser uma pedra valiosa no xadrez técnico da Marinha, era, então, o seu sonho. Foi neste passo que conheceu Ana Maria.

A moça, oriunda do Algarve, fora deslocada, como professora primária, para a calma vila alentejana que vira nascer Henrique. Era linda, Ana Maria. Mas ele também não era nenhum traste... O mar dera-lhe aquele tom moreno-brilhante de quem devassou muitos sóis. O convívio multiface que as suas viagens haviam proporcionado dera-lhe o modo altivo, directo e franco de olhar uma mulher. Assim, cedo os olhos de ambos se cruzaram e se deixaram aprisionar na magia subtil de um amor que nasce não se sabe como nem porquê. Num baile, atreveu-se a pedir namoro à linda professora. Ana Maria aceitou. Porém, com o tempo, foi deixando transparecer a contrariedade por ele estar na Marinha e querer seguir uma carreira naval. Acabou por lhe colocar, francamente, a exigência:

– Ou eu ou a Marinha!

Travou-se dentro dele uma luta tremenda. E a Marinha foi vencida. Saiu mesmo. Mas saiu triste. Amava aquela vida. Avezara-se às saídas constantes. Achava em cada novo porto outras razões de viver, de se realizar, de se integrar nos recantos de um mundo de que fazia parte e do qual apenas conhecera, até ao seu ingresso na Armada, a nesga serena da planura alentejana. Depois, em cada mulher que se prendia nos seus belos olhos castanhos, onde se vislumbrava a calidez do seu Alentejo, ele vivia a paixão rápida, imprevista, mas ainda assim imbuída de um certo romantismo, original e casto, a prolongar o fugaz delírio numa troca de correspondência que, naturalmente, o tempo ia delindo aos poucos.

Mas, bem depressa a beleza e a ardente juventude de Ana Maria, plenamente desabrochadas no casamento, que cedo sobreveio, atenuaram as lembranças das jornadas marítimas. Também a montagem da casa de venda e reparação de artigos eléctricos, que decidiu implantar na vila carecida de técnicos, absorveu o resto do tempo que sobrava da auspiciosa simbiose conjugal, sem contudo o impedir de uma ou outra vez recordar fastos passados, o que, quase sempre, deixava a mulher meditativa, senão triste.

E o tempo foi correndo, indiferente e calmo. Ana Maria, quase dois anos volvidos, esperava agora o primeiro filho. Era um novo encanto para ambos. Foi no seguimento de um desejo da mulher, («Gostava de ir à Feira de Santiago em Setúbal, Henrique!») que o casal se deslocou a Setúbal. Uma vez na bela cidade do Rio-Azul, Henrique quis mostrar a Ana Maria a serra da Arrábida com os seus miradouros, o seu convento grandevo, os seus panoramas fascinantes, o seu imponente silêncio, as suas praias subtraídas à mole abrutada das rochas castanho-acinzentadas.

As sereias dos navios saudando, num velho hábito, os doentes do sanatório do Outão, arrancaram Henrique à profunda observação das harmoniosas naves. Voltou a cabeça, espreitando a mulher que, pesada da gravidez, se deixara ficar no carro, e afirmou com entusiasmo:

– Que belos navios, Ana Maria!

Ela saiu do automóvel e veio para junto do marido, passando-lhe um braço pela cintura. Ele abraçou-a pelos ombros e, ambos, deixaram o olhar seguir os navios, apreciando-lhes a elegância de linhas e a facilidade de movimentos. Ana Maria, sùbitamente contristada, murmurou:

– Fui muito má para ti, Henrique!... Fui, pelo menos, egoista!... Não quis ver quanto amavas a Marinha.

Sobressaltou-se. Virou-se para ela. Comoveu-o o rosto baixo e os olhos humedecidos num prenúncio de lágrimas. Levantou-lhe o rosto, pelo queixo, e beijou-a ao de leve.

– Qual má, qual egoista, querida! Bem sabes que sou muito feliz! Apenas não consigo afugentar de mim, completamente, uma certa saudade... Mas isso é natural, não achas?... Sempre foram sete anos de mar!

Daí a pouco rumavam a Setúbal, descendo, cautamente, os contornos sinuosos da serra, Henrique alvoroçado pela possibilidade de encontrar algum antigo camarada, com o qual pudesse recordar tempos idos.

A. Santos Coentro
2.º ten. SE

notícias pessoais

CASAMENTOS

Asp. Eduardo Manuel Barbosa Pimentel Saraiva casou, em 31-12-72, com D. Maria Leonor Torres Vaz de Carvalho.

Asp. FZ RN José Manuel Albuquerque Alvaleide casou, em 9-12-72, com D. Maria Judite Dias Marques Meira.

Sarg.-aj. M RAa David da Silva casou, em 16-12-72, com D. Amélia Delgado Fonseca.

1.º-sarg. ACM Jorge Ferreira casou, em 12-11-72, com D. Eugénia Sequeira Gaitas.

1.º-sarg. ACM Acácio da Conceição Caetano casou, em 6-1-73, com D. Idália Maria Amaro Vicente.

10904/C. FZE – Mário Pinto da Silva casou, em 26-11-72, com D. Maria da Conceição.

10956/Mar. CM – Manuel dos Anjos Trigo casou, em 26-11-72, com D. Lonida Moutinho.

1180/65/Mar. FZE – José Emílio Alves Rebelo casou, em 18-11-72, com D. Maria Monteiro Teixeira.

2/70/Mar. L – José Ernesto Lourenço Santos casou, em 18-11-72, com D. Maria da Conceição Fernandes Rolim.

2278/71/1.º-gr. FZ – António José Ribeiro de Paiva casou, em 18-11-72, com D. Maria Isabel de Sousa Costa.

PASSAGENS À RESERVA

2.º-sarg. TF Francisco Pereira Rosado passou à Reserva Aa em 22-1-73.

656/C. A – José Augusto Armada passou à Reserva Aa em 22-12-72.

FALECIMENTOS

V.-alm. RF José Augusto Guerreiro de Brito faleceu em 10-1-73.

C.-alm. RA Jacinto Neto Milheiriço faleceu em 5-1-73.

Com. RA Diogo António José Leite Pereira de Melo e Alvim faleceu em 15-1-73.

Com. RF António Ferreira Trindade de Sousa faleceu em 14-1-73.

Cap.-m.-g. RA Guilhérme dos Reis Tomaz faleceu em 25-1-73.

Cap.-m.-g. RF João Nunes Vicente Júnior faleceu em 30-1-73.

Cap.-frag. RF José das Neves Ferreira faleceu em 30-1-73.

1.º-ten. SG RF António Gil Cardeira faleceu em 9-1-73.

2.º-ten. SG RA Carlos Silva faleceu em 16-1-73.

2.º-ten. SG RF José Ferreira Neves faleceu em 20-1-73.

1.º-sarg. C António Lopes de Lavadouro faleceu em 4-1-73.

1.º-sarg. Q RA António Maria Mendonça de Carvalho faleceu em 5-1-73.

2.º-sarg. ACM José Manuel Figueiredo Cabete faleceu em 7-1-73.

2.º-sarg. ARE Manuel Joaquim Balancho Segurado faleceu em 8-1-73.

7585/Mar. TFC – Manuel Pereira Marques faleceu em 26-12-72.

91/69/Mar. FZ – João Silva Ferreira faleceu em 27-12-72.

1814/71/2.º-gr. S – José Manuel Maurício faleceu em 23-1-73.

2267/71/2.º-gr. FZV – Joaquim Adriano Ferraz de Castro faleceu em 23-1-73.

2371/72/2.º-gr. vol. – Manuel António Morais faleceu em 20-12-72.

filatelia

SEGUNDO ANO DA PÁGINA FILATÉLICA

Com o presente número inicia-se o segundo ano da publicação desta página.

Embora longe de ter alcançado o objectivo que pretende, constatou-se que ela é recebida com simpatia e interesse pelos nossos coleccionadores de selos, e ainda, que é apreciada em ambientes estranhos à Armada.

O facto dá-nos alento para continuar e indica que se está a seguir o rumo certo.

Com a realização da nossa Exposição estamos cientes que mais um grande passo em frente se vai dar para maior aproximação e conhecimento de todos os que na Marinha se dedicam ao tão agradável e maravilhoso entretenimento, que é a filatelia.

A NOSSA EXPOSIÇÃO EM MARCHA

Chegaram as primeiras reacções provocadas pela notícia da realização da nossa Exposição e todas elas a mostrarem contentamento e entusiasmo, aliás justificados. Com elas vieram também opiniões e sugestões, que mereceram a nossa maior atenção, pois também «queremos que a Exposição marque uma posição de relevo no meio filatélico nacional e seja uma motivação para os nossos coleccionadores melhor se conhecerem». Seguindo uma planificação de trabalhos devidamente estudada, e para que a tempo e horas tudo se processe sem atrasos, principiaram já os contactos com entidades cuja colaboração é imprescindível.

Esperamos começar a anunciar já no próximo número alguns dos elementos, que completarão o artigo 15.º do Regulamento, como seja, local e tempo de duração do certame e também o período destinado a inscrições.

A seu tempo, tudo se irá esclarecendo devidamente para todos, em conjunto, realizarmos uma obra válida e digna de se integrar nas tradicionais e brilhantes manifestações que caracterizam o Dia da Marinha.

G. Brandão
2.º-ten. SG

OS SELOS E A ARMADA

AIRES KOPKE

O selo que ilustra este apontamento, faz parte da série que em 1966 comemorou o centenário do Clube Militar Naval, e distingue-se por ser um dos dois selos do conjunto de catorze, que não apresenta no desenho qualquer tipo de barco.

É que o Homem ilustre nele representado, embora tenha servido a Armada onde alcançou o posto de capitão-de-mar-e-guerra, nunca comandou navios.

É que Aires Kopke era médico, tendo-se notabilizado como cientista e investigador do maior interesse para a humanidade.

Nasceu em Lisboa em 1866 e faleceu em 1947.

Foi através da sua vida de serviço na Marinha que estudou em S. Tomé e em Angola as causas da doença beribéri que tantos homens do mar sacrificou. Ampliou os conhecimentos e as investigações acerca da doença do sono.

No XV Congresso Internacional de Medicina realizado em 1906, fixou as doses óptimas para o emprego do Atoxil, tornando assim possível a cura do terrível mal nos seus primeiros sintomas, terapêutica que foi reconhecida pelos cientistas universais da especialidade. Foi ainda professor da Escola de Medicina Tropical de Lisboa, onde, por mérito próprio, ascendeu a director, em 1928.

Trata-se sem dúvida de uma ilustre figura, a quem a Marinha e a Humanidade muito ficaram a dever.

Gama Brandão
2.º-ten. SG

voz da abita

Do nosso colaborador e assinante, 2.º ten. SE António dos Santos Coentro, recebemos uma carta, da qual transcrevemos, por julgarmos de interesse para todos os que recebem a nossa Revista por intermédio dos CTT, o seguinte:

«Lavradio, 21-1-73.
«(...) Aproveito a oportunidade para dizer a V. Exa. que algumas vezes a «Revista» chega a minha casa bastante amachucada, o que é muito aborrecido, pois estou a coleccioná-la e, claro, a quero impecável. Ora, talvez fosse caso de remediar a falta, alertando os CTT para a falta de cuidado, pois é bem evidente, no sobrescrito onde a «Revista» é enviada, a recomendação «É FAVOR NÃO DOBRAR», pelo que o problema é realmente, de falta de cuidado. A verdade, é que me vejo obrigado, por vezes, a adquirir outro exemplar, tal o estado em que me aparece o que me é expedido pelo correio.
«Quando isso acontece, envio o sobrante para a Biblioteca Municipal do Barreiro, onde, aliás, a nossa «Revista» é muito apreciada pelos jovens.
«(...) Com a maior amizade e consideração.»

Nota da Secretaria: *Não é a primeira vez que nos é observado o precário estado em que alguns exemplares da nossa Revista, expedidos pelos CTT, chegam a casa dos assinantes. Recomendamos que neste caso o assinante deverá reclamar o facto ao chefe da estação dos CTT da sua área. Sabemos que, idêntico procedimento foi adoptado, com resultado positivo, por um nosso assinante.*

*

Do 1.º sarg. M Firmino Lourenço Alves Pires, recebemos uma carta, que transcrevemos:

«G1EA, 18-1-73.
«A juntar aos dias desejados de cada mês, surge-nos agora a saída da «Revista da Armada», cuja aceitação entre nós é um facto consumado. E tanto maior é a sua aceitação, quanto maior for o isolalento.
«Como é do conhecimento geral, dispomos de pequenas unidades dispersas pelos mais variados recantos onde a saudade, sentimentalismo, amor familiar e pátrio se entrechocam e fundem num só sentimento: o cumprimento do dever.
«Unidades há que, pela sua situação geográfica, não têm a possibilidade de ver os seus homens cultivar ou desenvolver as suas faculdades intelectuais e desportivas. Por esta razão, sugeria a ampliação da rubrica «Quarto de Folga» com a divulgação do xadrez na Armada, modalidade que me parece ter aceitação.
«No caso de ser aceite esta minha sugestão, antecipadamente ofereço o meu contributo no sentido de colaborar na referida rubrica, se bem que para isso se torne necessário o fornecimento de algum material da especialidade.»

N.R. – *Desde já agradecemos a sua colaboração. A sua carta será apreciada pelo cap.-frag. Sousa Machado, encarregado da secção «Quarto de Folga», quando regressar da sua viagem ao Oriente, o que se verificará em breve. Então lhe enviaremos notícias.*

*

De Carlos Manuel Batista Nunes, 1.º gr. FZE, em serviço no Destacamento de Fuzileiros Especiais n.º 8, recebemos uma carta, que transcrevemos, e o poema «O Natal do Fuzileiro»:
«Guiné, 26-12-72.
«Meus Caros Senhores:
«É este o segundo Natal que passo na província portuguesa da Guiné.
«É uma quadra em que mais do que nunca nos lembramos dos nossos familiares e amigos, e então, num momento de inspiração, resolvi fazer esta poesia que junto envio, com o fim de ser publicada na nossa Revista, caso a achem digna de tal.
«Atenciosamente com um abraço.»

N.R. – *A poesia recebida será apreciada por esta Redacção e publicada se for caso disso.*

*

Do 1.º sarg. C José Francisco Pato, da CF3, em serviço em Angola, recebemos a seguinte carta:

«Aqui, Vila Nova da Armada (Terras do Fim do Mundo), 28-12-72.
«Os meus respeitosos cumprimentos a V. Exa. e a todos os colaboradores da «nossa» Revista.
«Sou assíduo leitor da «Revista da Armada» que, embora com alguma demora sempre chega a estas terras do fim do Mundo, onde a «briosa» está dignamente representada pela Companhia n.º 3 de Fuzileiros.
«Já por diversas vezes tenho tido ideia de enviar notícias sobre alguns acontecimentos aqui ocorridos, mas com receio de não serem aceites, a coisa passou.
«Hoje, devido a um lamentável acontecimento que atingiu toda a nossa Companhia, não resisti à tentação e, dentro do possível, seria grande a satisfação de todos os da CF3, se lessem na «nossa» Revista, o que aqui sucedeu ao mar. FZ n.º 91/69, Ferreira («Chatisse»).

«O dia 27 de Dezembro foi muito agitado para a Companhia n.º 3 de Fuzileiros. Primeiro correu o boato, sem sabermos como, que havia terroristas perto do aquartelamento. Sairam duas viaturas com voluntários e verificou-se que era rebate falso...

«Depois, houve alarme, e desta vez justificado, quando o mar. FZ n.º 91/69 – Ferreira, por alcunha o «Chatisse», desapareceu do seu posto de sentinela, nas lanchas atracadas ao cais.

«Após muitos mergulhos e muitas buscas nas margens o seu corpo foi encontrado no fundo do rio. Tinha caído à água e morrido afogado. Todos os esforços do médico e do enfermeiro foram infrutíferos para o restituir à vida.

«A Companhia n.º 3 de Fuzileiros ficou de luto por ter perdido um elemento que todos estimavam. Paz à sua alma!»

De João Marcos Peixoto Beato, 1.º grumete FZE, em serviço no DFE8 recebemos uma carta, que transcrevemos:

«Guiné, 17-1-73.

«Já há algum tempo que era minha intenção colaborar com tão valiosa Revista. Não só pelos seus artigos, do maior interesse, como pelos seus passatempos, que para nós, aqui no Ultramar, nos fazem ter momentos de inteira satisfação.

«Escrevi um pequeno artigo, não só para elogiar um destacamento de FZE's – de que sou um dos elementos –, mas também todos os portugueses que aqui estão lutando com orgulho.

«Pode o artigo não ter interesse para ser publicado; todavia, fico com a certeza de o ter feito de maneira a querer colaborar na «nossa» Revista.

«Sem mais, despeço-me com os agradecimentos por nos enviarem a «Revista da Armada» para nós lermos.»

NR. – *O artigo referido será apreciado pela nossa Redacção e publicado se for caso disso.*

PORQUÊ?

– Porque acordaste naquela hora morta?
– Porque me abriste a porta e aceitaste o sorriso que eu sorria e a rosa que eu trazia?
– Porque acendeste a lâmpada e a lareira?
– Porque estendeste a esteira?
– Porque cerraste o reposteiro e os trincos?
– Porque tiraste os brincos?
– Porque soltaste a tua trena de ouro e o teu cinto de couro?
– Porque fechaste os olhos?
– Porque abriste a boca?
– Porque ouviste o que eu não disse?
– Porque não disseste o que eu ouvi?
– Porque deste a mão à minha mão na despedida, no adeus à minha vida?

Fausto Reis
2.º grumete S

* CURIOSIDADES

A geometria nos tempos da Antiguidade Egípcia:

Área do Círculo – Os antigos egípcios calculavam a área do círculo elevando ao quadrado oito nonos do diâmetro.

$$A = \frac{8\,D^{2}}{9}$$

Nota: Equivale a dar a π o valor de 3,16.

Curiosidades geográficas:
Existe em França, em Pas de Calais, um rio chamado Aa. No mesmo país e no departamento do Alto Garonne existe um lago chamado Oo e uma cidade chamada Oo.

Para aqueles que sabem inglês:
Qual é a palavra mais comprida na língua inglesa?
É a palavra SMILES, porque entre os dois «S» há uma milha (MILE).

Apresentado por P. Basto Carreira
Cap.-m.-g. RA

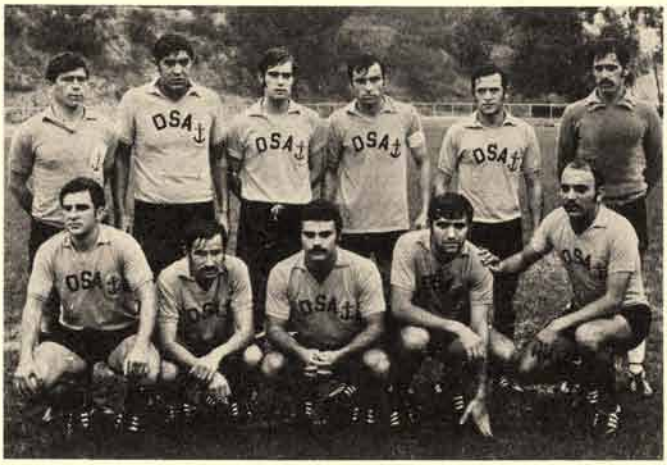
CURIOSIDADES NAVAIS

Com a expansão do emprego de contentores nos abastecimentos militares, o Exército e a Marinha dos Estados Unidos estão a procurar os meios de desembarcar contentores dos navios para locais da costa, normalmente não equipados para tais operações.

O Naval Civil Engineering Laboratory tem procedido a experiências com um sistema constituído por um guindaste flutuante, barcaças, empilhadores, carros e um pontão adequado.

(do «Boletim Analítico da J. N. M. M.» de Setembro de 1972)

FUTEBOL — Principiou o campeonato da Armada ao qual concorrem 20 equipas



A equipa da D. S. A. De pé, da esquerda para a direita: Vicente, Santos, Baião, Figueira, Leitão e Portela. De joelhos: Carlos, Silva, Álvaro, Anacleto e Delgado.

A B. N. L. também disputa o Campeonato. De pé, da esquerda para a direita: Famalicão, Carlos, Alves, Jorge e Silva. De joelhos: Barros, Amílcar, Vieira, Marques, Santos e Ramalho.

ACTIVIDADES DESPORTIVAS EM PONTA DELGADA

As unidades ali estacionadas competiram em Corta-Mato, Andebol, Basquetebol e Futebol numa feliz iniciativa do Comando Naval

A equipa do «Boavista» que triunfou por equipas na prova de corta-mato. Da esquerda para a direita: Zeca, Peniche, Aires, Jorge e Henriques.

A E. R. N. Ponta Delgada venceu todas as outras modalidades. Eis a equipa de andebol de sete. De pé, da esquerda para a direita: Barcelos, Chaves, Silva, Chumbinho e Martins. De joelhos: Filipe, Bettencourt, Vitor e Rita.

C. N. O. C. A.

Embora sem resultados espectaculares, damos realce à excelente equipa de voleibol do C. N. O. C. A. que disputou o Campeonato Regional de Lisboa. Eis a equipa após o jogo com o Benfica e em que perdeu por 1-3 após boa exibição. De pé, da esquerda para a direita: Almeida, Paiva, prof. Freire, Fernandes e Abreu. De joelhos: Perlouro, Nelson Sousa e Sá Gomes.

FUTEBOL

Nos princípios do mês de Janeiro começou a disputar-se o Campeonato de Futebol da Armada.
Como já foi referido anteriormente, a prova deste ano regista um elevado número de equipas concorrentes: vinte!
Actualmente está a decorrer com bastante interesse a fase inicial de apuramento com 14 jogos efectuados nas 4 séries.
Na série A, as equipas do C. E. F. A. e G. 2 E. A. têm possibilidades de passar à fase seguinte.
Na série B, a Escola de Fuzileiros e a «Sagres» serão naturalmente as equipas melhor apetrechadas.
Na série C, o C. S. D. M. inicialmente apontado como um dos pretendentes ao título viu as suas aspirações muito comprometidas ao ser batido pela sensacional equipa da «Gago Coutinho» que em 3 jogos somou outras tantas vitórias com o impressionante «score» de 24-0!
Na série D, lamenta-se a desistência do Museu de Marinha. O actual campeão – o G. 1 E. A. – comanda a sua série com 2 vitórias e sem golos sofridos pelo que não deverá haver surpresas.
Assim, tudo leva a crer que teremos o lote inicial dos favoritos, G. 1 E. A., «Sagres» e E. F., acrescido das equipas do C. E. F. A., G. 2 E. A. e fragata «Gago Coutinho», que tudo farão para contrariar os vaticínios gerais.

COMPETIÇÕES DESPORTIVAS NOS AÇORES

Nos fins do ano passado realizaram-se várias provas desportivas nas modalidades de atletismo (corta-mato de 3100 m), andebol, basquetebol e futebol, às quais concorreram equipas representativas do Comando Naval, Estação Radionaval de Ponta Delgada e dos patrulhas «Boavista» e «S. Nicolau».
A E. R. N. P. D. conquistou o 1.º lugar em todas as modalidades excepto em atletismo cujo triunfo pertenceu colectivamente ao «Boavista».
A classificação final do torneio entrando em linha de conta com as classificações das várias competições disputadas ficou assim definida:

1.º – E. R. N. Ponta Delgada
2.º – N. R. P. «Boavista»
3.º – N. R. P. «S. Nicolau»
4.º – Comando Naval dos Açores

A «Taça Torneio de Natal 1972» foi entregue numa cerimónia onde estiveram presentes os vários comandos das unidades concorrentes e à qual presidiu o comandante Naval dos Açores, comodoro Rodrigues Gonçalves.

CORRIDA DE S. SILVESTRE EM PONTA DELGADA

Organizada pela Associação de Desportos de Ponta Delgada, realizou-se no dia 31 de Dezembro a corrida de S. Silvestre, disputada nas ruas da cidade. A ela concorreu uma equipa do patrulha «S.Nicolau» que teve comportamento brilhante, pois venceu individual e colectivamente, conseguindo a bela proeza de colocar atletas seus nos 3 primeiros lugares: Marreiros, o vencedor; Patrício, segundo; e Ricardo, terceiro. Parabéns ao «S. Nicolau»!

COLABORAÇÃO

Agradecemos ao Comando Naval dos Açores o envio do noticiário cujo resumo incluimos neste número.
Aproveitamos a oportunidade para informar que esta secção está sempre interessada na divulgação de notícias desportivas (com fotografias ilustrativas) em que tomem parte elementos da Armada, independentemente do local onde se realizem.

Pedro Caeiro
Cap.-ten.

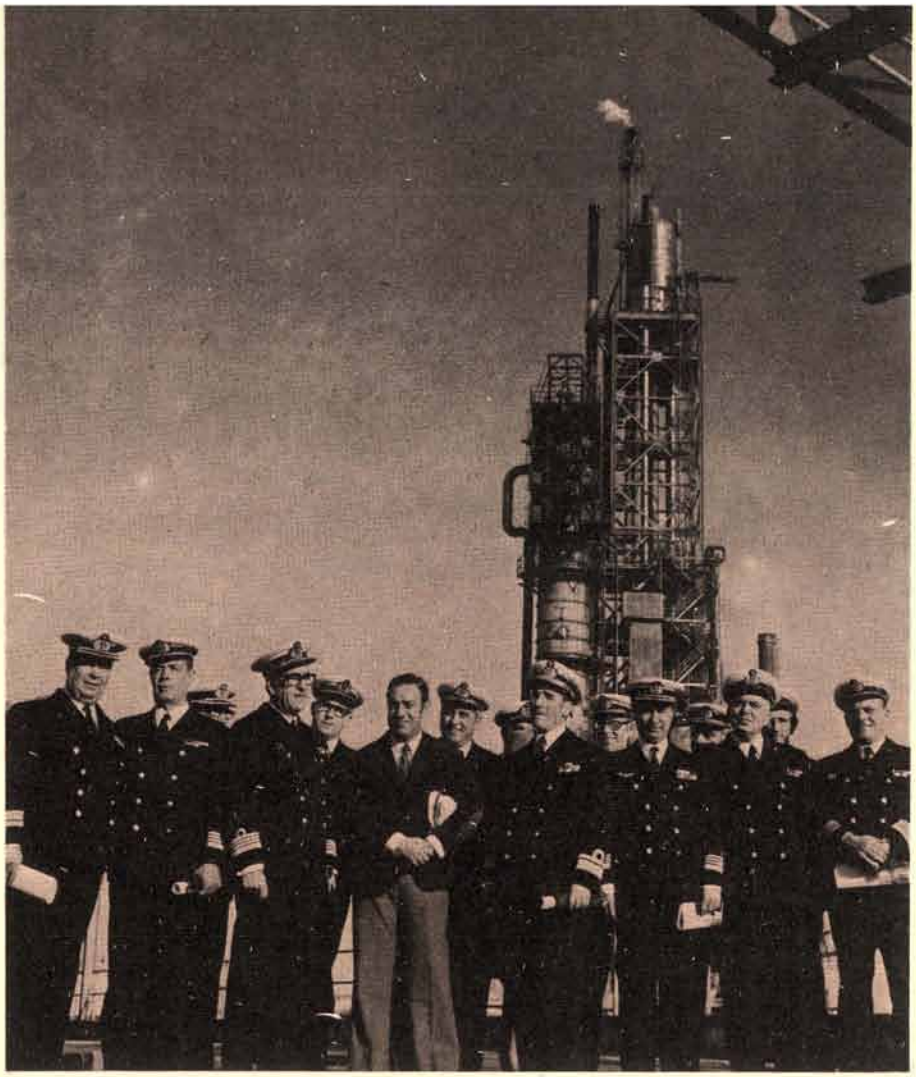
VISITA DO MINISTRO DA MARINHA À GUINÉ

A quando da sua recente deslocação à província da Guiné, o ministro da Marinha contactou os destacamentos números 8 e 21 de Fuzileiros Especiais fixados em Ganturé e no Cacheu, respectivamente, cujas instalações visitou, tendo trocado impressões com elementos seus constituintes.
Reproduzimos imagens da presença do ministro da Marinha entre o pessoal daquelas unidades de fuzileiros.

VISITAS DE ESTUDO DOS CURSOS NAVAIS DE GUERRA

Nos dias 9 e 10 de Janeiro, os alunos do curso geral naval de guerra efectuaram visitas de estudo às Oficinas Gerais de Material Aeronáutico e Depósito Geral de Material da Força Aérea, em Alverca, e ao Laboratório de Física e Energia Nucleares, em Sacavém. Na primeira visita foram acompanhados pelo capitão-de-mar-e-guerra AN Jorge Antunes e na segunda, pelo comodoro Pires da Cunha.

Os oficiais que frequentam o curso superior naval de guerra visitaram, por sua vez, no dia 11, as instalações da Sacor, em Cabo Ruivo. No dia 12, o contra-almirante Alves Lopes, presidente da Junta Nacional de Fomento das Pescas, efectuou no Instituto, uma conferência em que desenvolveu vários aspectos relacionados com o sector da pesca no nosso país.



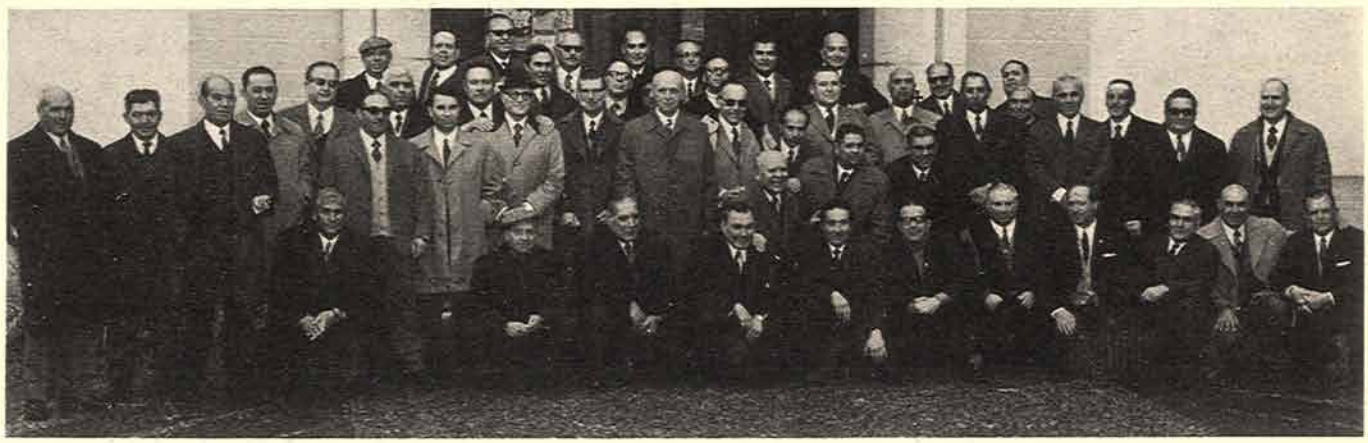
O RECRUTAMENTO DE 1947 COMEMOROU O SEU 26.º ANIVERSÁRIO

O recrutamento do ano de 1947 comemorou, no passado dia 14 de Janeiro, o 26.º aniversário do seu alistamento.

Num restaurante do Ginjal efectuou-se o tradicional almoço de confraternização, que reuniu cerca de 60 convivas, entre antigos recrutas – hoje oficiais, sargentos e praças da Armada, pessoal da Aeronáutica e civis – e seus familiares, que decorreu em ambiente de franca camaradagem e de boa disposição. Antes, havia sido prestada homenagem aos Mortos da Grande Guerra, em cujo monumento, na Avenida da Liberdade, foi deposto um ramo de flores.

A GUARNIÇÃO DO AVISO «JOÃO DE LISBOA» QUE EFECTUOU UMA COMISSÃO NO ORIENTE CONFRATERNIZOU

No passado dia 20 de Janeiro realizou-se, no restaurante do Supermercado da Marinha, no Alfeite, um almoço de confraternização entre elementos da guarnição do aviso «João de Lisboa» que, de 1949 a 1951, fizeram uma comissão de serviço no Oriente; este almoço reuniu cerca de 30 convivas, entre os quais o capitão-de-fragata Sacramento Monteiro, secretário de Estado da Administração Ultramarina, que seguia viagem naquele aviso, de Singapura para Dili, onde ia ocupar o cargo de capitão do porto, e o contra-almirante Ramalho Rosa, comandante daquela unidade na referida comissão. Antes, em Lisboa, na Capela de S. Roque, foi rezada missa por intenção dos camaradas falecidos. A Comissão organizadora da confraternização enviou um telegrama ao ministro da Marinha, reafirmando a sua dedicação à Armada.



CONFRATERNIZAÇÃO DO RECRUTAMENTO DE 1937

Há longos anos que o recrutamento de 1937 vem comemorando o seu aniversário.

Desta vez, no dia 21 de Janeiro, o habitual almoço de confraternização realizou-se no próprio local onde há 36 anos haviam sido incorporados – antigo Corpo de Marinheiros, hoje Grupo n.º 2 de Escolas da Armada.

O repasto, a que estiveram presentes cerca de 80 antigos recrutas, alguns acompanhados de familiares, e a que presidiu o capitão-de-mar-e-guerra Joaquim José Gomes Trindade, decorreu em ambiente de grande animação e sã camaradagem. Foram quatro horas de convívio, em que se recordaram peripécias de uma já longa vida.

De manhã, efectuou-se na Capela da Base Naval, no Alfeite, missa de sufrágio pelos antigos recrutas já falecidos.

«SUNNY SEAS 73» – AS MAIORES MANOBRAS NA ÁREA IBERO-ATLÂNTICA

Com início em 21 de Janeiro e prolongando-se até 8 de Fevereiro, contando com a participação de navios e aviões de oito países, foram conduzidas pelo comandante da Área Ibero-Atlântica, almirante Robert B. Erly, as manobras que, sob aquele nome de código, decorreram nesta área e que constituiram as maiores jamais aqui realizadas.

Nestes exercícios participaram 44 unidades navais e aéreas, estando Portugal representado pela fragata «Almirante Magalhães Corrêa», submarino «Albacora» e draga-minas «Pico» e «Rosário» e aviões das bases aéreas de Monte-Real, Montijo e Lajes.

Todos estes meios se concentraram em Lisboa e para dar ao leitor uma ideia de dimensão bastará afirmar que o comprimento das unidades intervenientes se as colocássemos proa com popa, ascenderia a 4,266 km e que os homens que constituem as guarnições destes navios se fossem dispostos lado a lado, em cadeia de braços abertos e com as mãos dadas, alcançariam uma distância de 19,322 km, o mesmo que da Praça do Comércio a Carcavelos, aproximadamente.

As manobras do «Sunny Seas 73» incluiram exercícios de defesa aérea, luta anti-submarina, guerra electrónica e reabastecimento no mar.

Os almirantes comandantes das várias forças que participaram neste exercício apresentaram cumprimentos ao chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, e inscreveram-se no livro de cumprimentos do ministro da Marinha; às guarnições destas unidades navais foram proporcionados passeios aos arredores e visitas ao Museu de Marinha.

Ao ministro da Marinha que em 2 de Fevereiro esteve no Comiberlant, acompanhado do chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, a convite do seu comandante, foi feita uma exposição acerca do modo como até à altura tinha decorrido este exercício; o ministro da Marinha aproveitou a circunstância para efectuar uma breve visita às instalações e tomar contacto com as actuais actividades deste comando.

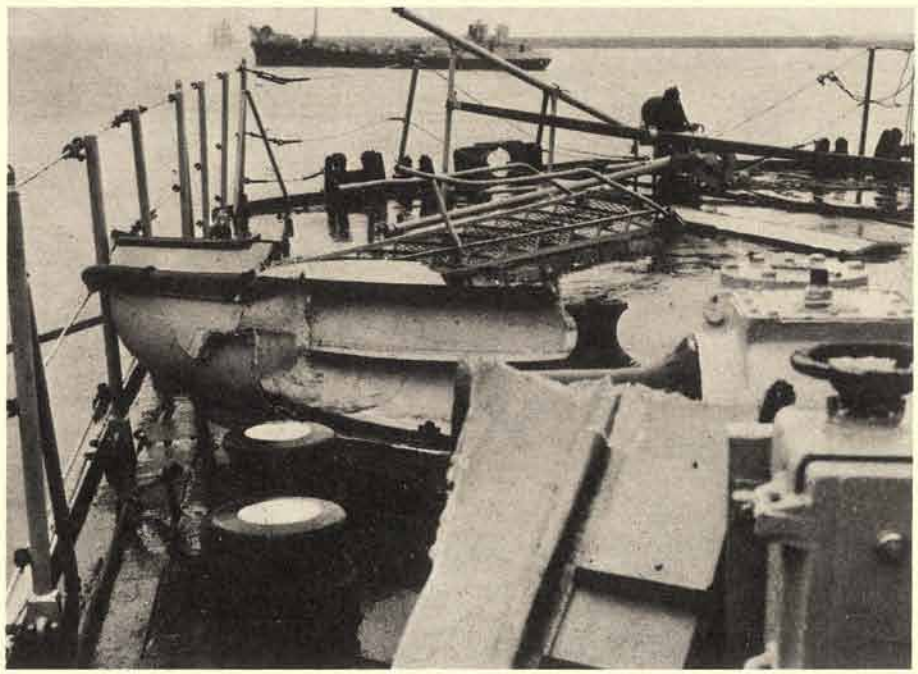
Receberam e acompanharam o ministro na sua visita o comandante do Comiberlant, contra-almirante Robert B. Erly, e o comandante adjunto, comodoro Magro Lopes.

NOVO COMANDANTE DA DEFESA MARÍTIMA DA GUINÉ

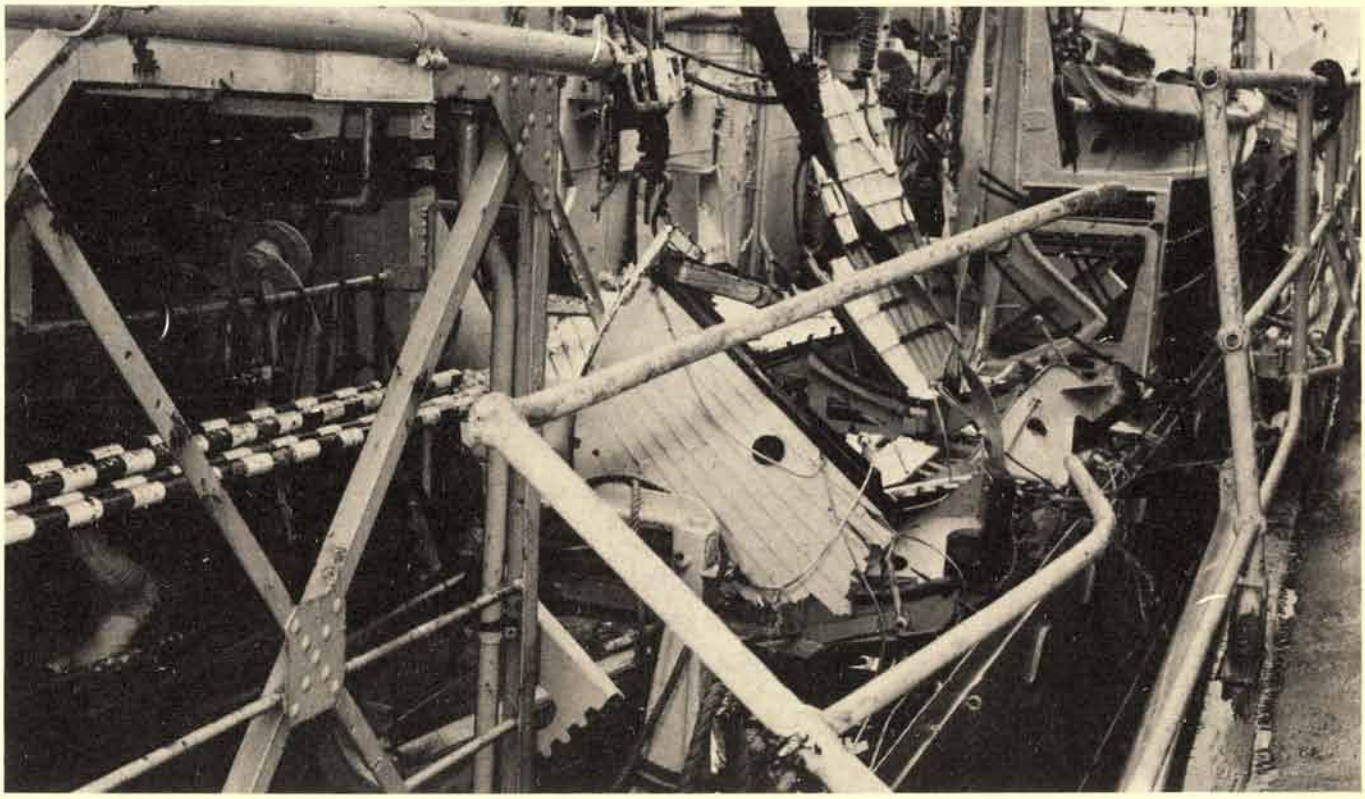
No passado dia 24 de Janeiro assumiu as funções de comandante da Defesa Marítima da Guiné e chefe da Repartição Provincial dos Serviços de Marinha, o comodoro Almeida Brandão que substitui naquelas funções o contra-almirante Moura da Fonseca, recentemente promovido a este posto.

PARTICIPAÇÃO DOS NOSSOS NAVIOS NA ASSISTÊNCIA À NAVEGAÇÃO MERCANTE

Durante o último temporal que violentamente fustigou o país, os navios da Armada desempenharam várias tarefas de assistência a navios mercantes que se encontravam em situações de perigo.



A fúria dos elementos também não poupou as nossas unidades que, no cumprimento das missões de apoio que lhes foram atribuídas, sofreram pesadas avarias e estragos como as que as gravuras documentam, referindo-se a primeira à fragata «Comandante Hermenegildo Capelo» e a segunda ao navio hidrográfico «Afonso de Albuquerque».



COOPERAÇÃO AERO-NAVAL

A fim de avaliar das possibilidades das corvetas disporem de um helicóptero embarcado, realizou-se recentemente em águas de Angola um exercício de aterragem e descolagem de um helicóptero «Alouette III» na plataforma da corveta «António Enes», cujos resultados foram muito satisfatórios.

ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DA COMISSÃO NACIONAL DAS COMEMORAÇÕES DO CINQUENTENÁRIO DA TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO SUL

Realizou-se, no dia 26 de Janeiro, na messe da Força Aérea, em Monsanto, um almoço de confraternização da Comissão Nacional das Comemorações do Cinquentenário da Travessia Aérea do Atlântico Sul.

Presidiu o ministro da Marinha, estando presentes o secretário de Estado da Aeronáutica, o presidente da Comissão, contra-almirante Sarmento Rodrigues, e quase todos os restantes membros: prof. dr. Adriano Moreira, eng.º Vaz Pinto, dr. Caetano de Carvalho, eng. Victor Veres, dr. Felner da Costa, general Ivo Ferreira, comodoro Malheiro do Vale, coronel da F. A. P. Vaz Nunes e capitão-de-fragata Teixeira da Mota. Presentes também as esposas.

Aos brindes, o contra-almirante Sarmento Rodrigues agradeceu o apoio que deram à Comissão os membros do Governo presentes e a colaboração de todos os elementos da Comissão. O ministro da Marinha enalteceu a forma elevada como a Comissão cumpriu a sua tarefa, dando o devido realce a um feito que muito honrou a Marinha, a Força Aérea e a própria Nação.

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA E OUTROS OFICIAIS RECEBEM CONDECORAÇÕES FRANCESAS

O embaixador Jacques Tiné condecorou no passado dia 1 de Fevereiro na embaixada de França o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos; o director das Construções Navais, comodoro Rogério de Oliveira; o capitão-de-mar-e-guerra Dias Martins e o capitão-tenente Costa Ferreira.

Assistiram à cerimónia o ministro da Marinha; o chefe do Estado-Maior do Exército, general Paiva Brandão e outros oficiais generais e superiores dos três ramos das forças armadas, bem como individualidades francesas e funcionários superiores.

quarto de folga

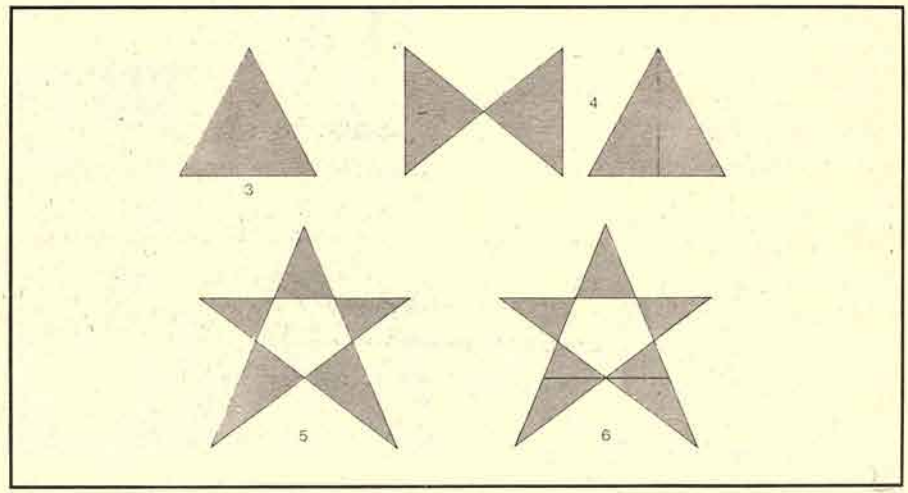
PROBLEMAS PARA ENTRETER

Apresentamos hoje, extraídos da publicação anteriormente referida, mais dois problemas:

1.º – Sobre uma mesa estão três moedas: 2$50, 5$00 e 10$00. O Manuel escolhe uma moeda e o João fica com as outras duas. As moedas são lançadas ao ar simultâneamente. Se cair «caras» conta zero. Se sair «cunhos» conta o valor da moeda em tostões. O que contar maior número de pontos com as respectivas moedas ganhará as do adversário. Se todas saírem «caras» não conta e jogarão outra vez. Que moeda é que o Manuel deverá escolher para que o jogo seja leal, isto é, para que o ganho a esperar em dinheiro seja nulo para ambos.

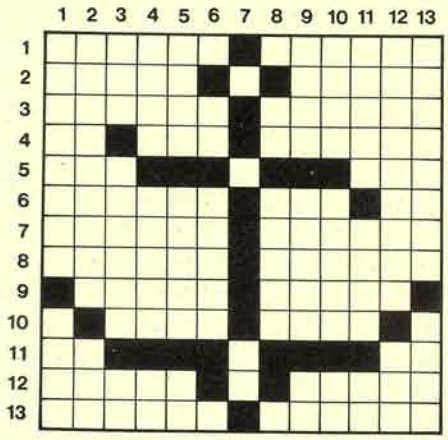
2.º – A figura junta mostra o número de triângulos não sobrepostos que se podem conseguir com três, quatro, cinco e seis segmentos de recta, respectivamente 1, 2, 5 e 7.

Para sete segmentos de recta o problema já não é tão fácil. Poderá o leitor resolvê-lo também para oito e nove segmentos? Experimente. Se encontrar, entretanto, uma fórmula que dê o número máximo de triângulos em função do número de segmentos, diga-nos, porque será objecto de uma comunicação no primeiro Congresso de Matemática de que tenhamos conhecimento...



PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo n.º 18)



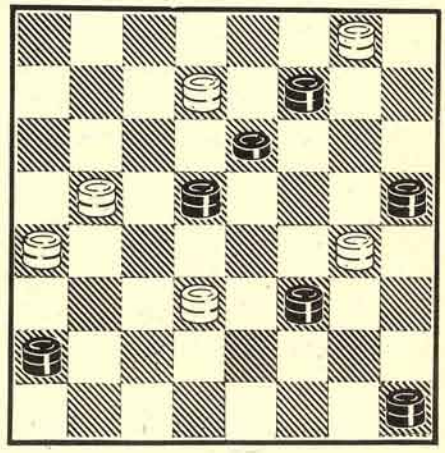
HORIZONTAIS: 1 – Apagar; professora. 2 – Soar; congeminavam. 3 – Desprender; Marinha de Guerra. 4 – Prefixo de negação; reza; obrigar. 5 – Contr. prep. e artigo (pl.); vazia. 6 – Velhas; onda; viração. 7 – Amofinara; movera os remos. 8 – Tornam árido; actuaram. 9 – Venera; indivíduos de fala presa. 10 – Protecção (pl.); parte aquosa que se separa do leite (inv.). 11 – Antes de Cristo; grito de dor. 12 – Estratagema; embrulho. 13 – Graciosa; puseras asas a.

VERTICAIS: 1 – Morara; pesquisa. 2 – Acondicionara; acreditei. 3 – Astro; firme; também (ant.). 4 – Nome de ave; rio português (pl.); porco. 5 – Lavrar; ave trepadora; elas. 6 – Batráquio; carumas. 7 – Consoante; vogal; olha. 8 – Antes de Cristo; padroeiro. 9 – Peco; deixar bens a outrém; o melhor. 10 – Ajunta (fig.); íntimo; basta. 11 – Nome masculino; anéis; aspecto. 12 – Enraizaras; nome de mulher. 13 – Desceram no mar; cursos de água.

C. S. Cruz
1.º sarg. AEA

Solução na pág. 34

DAMAS



As pretas jogam mas ganham as brancas.

Solução na pág. 34

O TEMPO NÃO VOLTA PARA TRÁS

Ao tempo em que escrevo esta história, o posto médico do Mi-

nistério da Marinha estava ao lado da secretaria da 7.ª Repartição da Direcção do Serviço do Pessoal, onde, entre outras coisas, os mancebos se dirigiam para saber o que era preciso para serem voluntários para a Armada.

Também por essa altura, um fadista muito conhecido e apreciado, António Mourão, cantava um fado intitulado «Ó tempo volta para trás» onde o artista, de voz realmente agradável, com mais ou menos sentimentalismo nos versos, pedia ao tempo que voltasse para trás para ele voltar a viver os tempos que já tinha vivido.

Ora aconteceu que eu, devido à minha avançada idade, passei a frequentar com frequência o posto médico, onde o físico, com bastante paciência, constatava que ainda não era daquela que eu iria para o «jardim das tabuletas».

Uma das vezes que esperava a minha vez para ser atendido pelo médico, reparei pelo guiché da secretaria da Selecção do Pessoal que, lá dentro, ao fundo, estava sentado um sargento que, no meu tempo, tinha estado comigo quando praça e eu tenente moderno. Conhecíamo-nos à légua.

Com a minha mania de não perder uma ocasião de fazer humor, acerquei-me do guiché, tomando uma atitude de estranho ao meio e, por detrás da minha face enrugada, acentuada careca e cabelos brancos, falando como um mancebo, perguntei:

– Fazia o favor dizia-me quais são os papéis necessários para assentar praça na Armada como voluntário?

O sargento, deitando-me um olhar indefinido, fingindo não me reconhecer, entrando no jogo, exclamou:

– Olhe, aqui não é «ó tempo volta para trás, do Mourão».

Cap. Zuzara

CONCURSO N.º 18

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

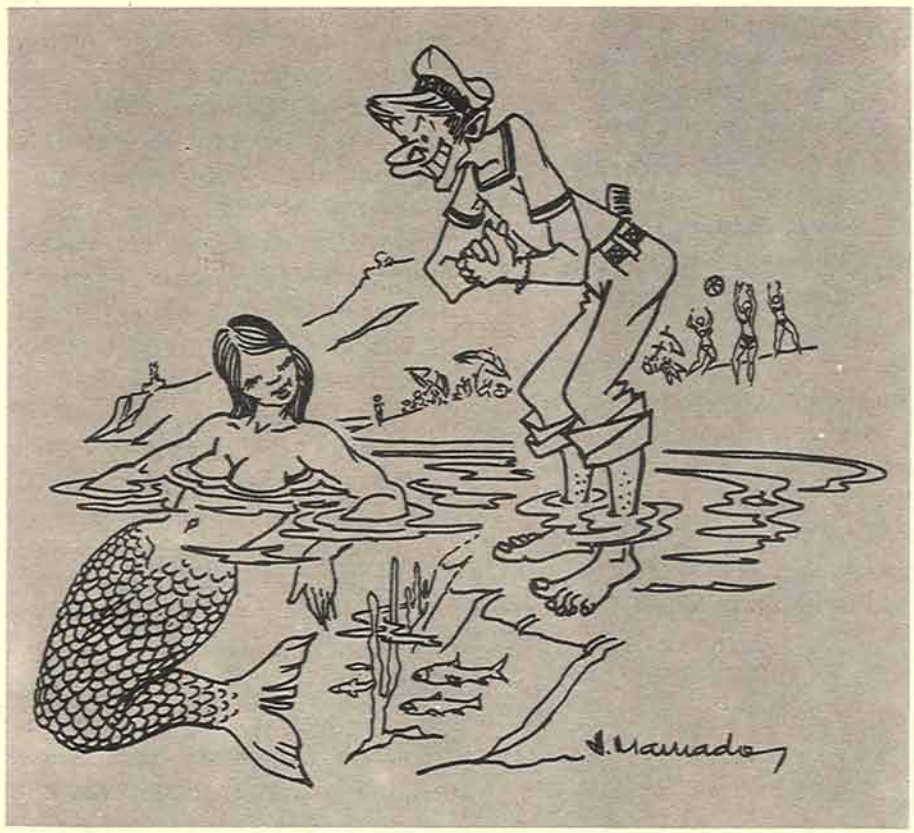
O M J T A O A A D T A A S T S P E R T O L A L O N
A B O I B T O O I T D O O R A S P U D T O R A T S
I O I B O S N M T A V I S O P L E G U R O S O I A
J A N T R B A V O M R S S T O E T R I E M A N R N
C R S R A A C R A A R T O S S A M I O N A O I A S
A O A R M E N T O S A T C L A R A A L C S D R V O
O M A C R A V R T A A D A G N A J T E O E R A I T
S T O R O R I E A D A V O S S O E O M S R A M E R
A A P U M A L B A O R S T A D E I I C T I I B O A
T I S Z A P A O O M A T A G A R F I O A A F U A M
P S O A A I S C S I X A N U H O I F U R L A S D I
O T I D O O B A L I E I R A C T R A R U A I C S R
N M R O I D A D I A R A P O N N O F A D O T A D A
S E M R A I A O O S T V I S A I D O C A P R R O A
A I T S T O O R I E L O R T L P I S A D O E I A I
P R O M T U D E I R A R E R R A O I D N H L A T O
O A A O A P R S O I M O T I A G A E O T O A D A B
M A R R S I A T E V R O C A D I R L E I E C R O T
O R C A T A A R R E I O S S O N O N C O R S O I D
R I C O N T R A T O R P E D E I R O S T T E L I A
N O O J S A P V I S T A N A I T E A A M I R O A L
O N H S S P O I S A O S T I V A I R H O R T A S E
A N H O O E T A S A A R I E N O H N A C O A S M P
B O I O R I E N I M O T I H H H O J E A S O T E A
D R O M I C A N H O S H S A O S N O S T A L A I P

Procurando em todos os sentidos, menos obliquamente, tente encontrar as palavras da relação abaixo indicada:

Cruzador – Canoa – Bote – Rebocador – Lancha – Couraçado – Escaler – Submarino – Bóia – Aviso – Jangada – Fragata – Balieira – Corveta – Contratorpedeiro – Canhoneira.

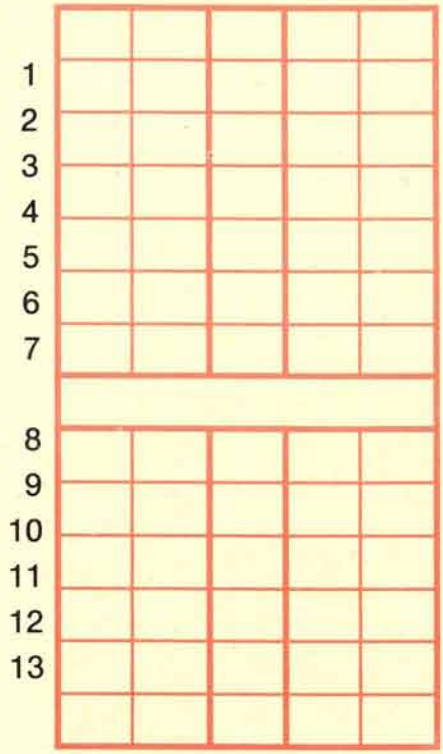
Nota: Alguns nomes estão invertidos.

C. Basto Carreira
Cap.-m.-g. RA



– A menina quer que eu a ensine a nadar?

PILHA DE PALAVRAS



1 – Chalaça picante.
2 – Saltar.
3 – Enche de habitantes.
4 – Orla de terra, geralmente coberta de areia, confinando com o mar.
5 – Apesar disso.
6 – Amarrado.
7 – Ervilha grossa.
8 – Convenção.
9 – Lugar público.
10 – Que indica pobreza.
11 – Mamífero paquiderme, doméstico e comestível.
12 – Metal branco.
13 – Parte do braço que liga a mão ao antebraço.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome de um navio de guerra português já abatido. Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «P».

José Maria B. da Silva
Cabo L

SOLUÇÕES

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Solução do problema publicado no número anterior)

O número de pontos em cada jogada e o total de pontos para cada jogador são os que se indicam no quadro seguinte:

JOGADAS	A	B	C	D	E	F
1.ª	1	2	5	4	3	0
2.ª	0	1	2	5	4	3
3.ª	5	4	3	0	1	2
4.ª	5	4	3	0	1	2
5.ª	4	3	0	1	2	5
Total de pontos	15	14	13	10	11	12

Dedução: O número de pontos relativos à 1.ª jogada era dado. E como D tinha o maior número total de pontos após a 2.ª jogada isso só poderia acontecer com a distribuição indicada na segunda linha do quadro. Agora entra em jogo o truque que possibilita a solução – cada par oposto de dígitos do disco soma 5. Isto significa que cada jogada distribui por cada par de jogadores opostos cinco pontos, ou seja, a AD, BE e CF. No fim do jogo, que compreende cinco jogadas cada par destes jogadores terá 25 pontos no total. Sabemos que A ganhou o jogo. Uma vez que foi o total mais elevado, D, que está em frente deve ter ficado com o total mais baixo. Portanto o número total de pontos para D deve ser inferior a 13, caso contrário A teria menos pontos que ele. Mas o total para D também não poderá ser 12. Se assim fosse, A teria 13 mas então um jogador do par BE ou do par CF também totalizariam necessàriamente 13 ou mais e A não seria o vencedor. Desta forma D não pode totalizar mais de 11. Como já tem 9 pontos ao fim da segunda jogada, uma das jogadas que lhe falta, pelo menos, tem que lhe atribuir zero pontos. A ordem das jogadas não vem afectar o número total de pontos. Admitamos portanto que é a 3.ª jogada que lhe dá os zero pontos. Sendo assim, a distribuição de pontos aos restantes jogadores fica como indica a terceira linha. Nas duas jogadas que faltam, as possibilidades para D são 0-0, 0-1, 1-1 ou 0-2. Experimentemos cada uma. Se for 0-0 ou 0-2 A empatará com outro qualquer no fim do jogo. Se for 1-1, F ganha 5-5 e vencerá com um total de 15 pontos. Só resta para D a hipótese 0-1. Isto faz com que A ganhe com um total de 15 pontos e poderemos então completar o quadro. Desconhece-se a ordem das três últimas jogadas mas de qualquer forma o total prevalece o mesmo.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Raspar; mestra. 2 – Ecoar; roíam. 3 – Soltar; Armada. 4 – Im; ora; coagir. 5 – Dos; oca. 6 – Idosas; ola; ar. 7 – Ralara; remara. 8 – Aridam; agiram. 9 – Adora; gagos. 10 – Asas; oros. 11 – AC; ai. 12 – Treta; atado. 13 – Airosa; asaras.

VERTICAIS: 1 – Residira; cata. 2 – Acomodara; cri. 3 – Sol; sólida; Er. 4 – Pato; sados; tó. 5 – Arar; arara; as. 6 – Rã; samas. 7 – N; a; vê. 8 – AC; orago. 9 – Erro; legar; as. 10 – Soma; amigo; ta. 11 – Tiago; aros; ar. 12 – Radicaras; Ada. 13 – Amararam; rios.

DAMAS

1 – ...	f3-g2
2 – d7xf5	h5xf3
3 – g8xc4	f3-e4
4 – c4-b3	a2xa6
5 – a4-b5	a6xe2

6 – f5xh3 e ganham...

PILHA DE PALAVRAS

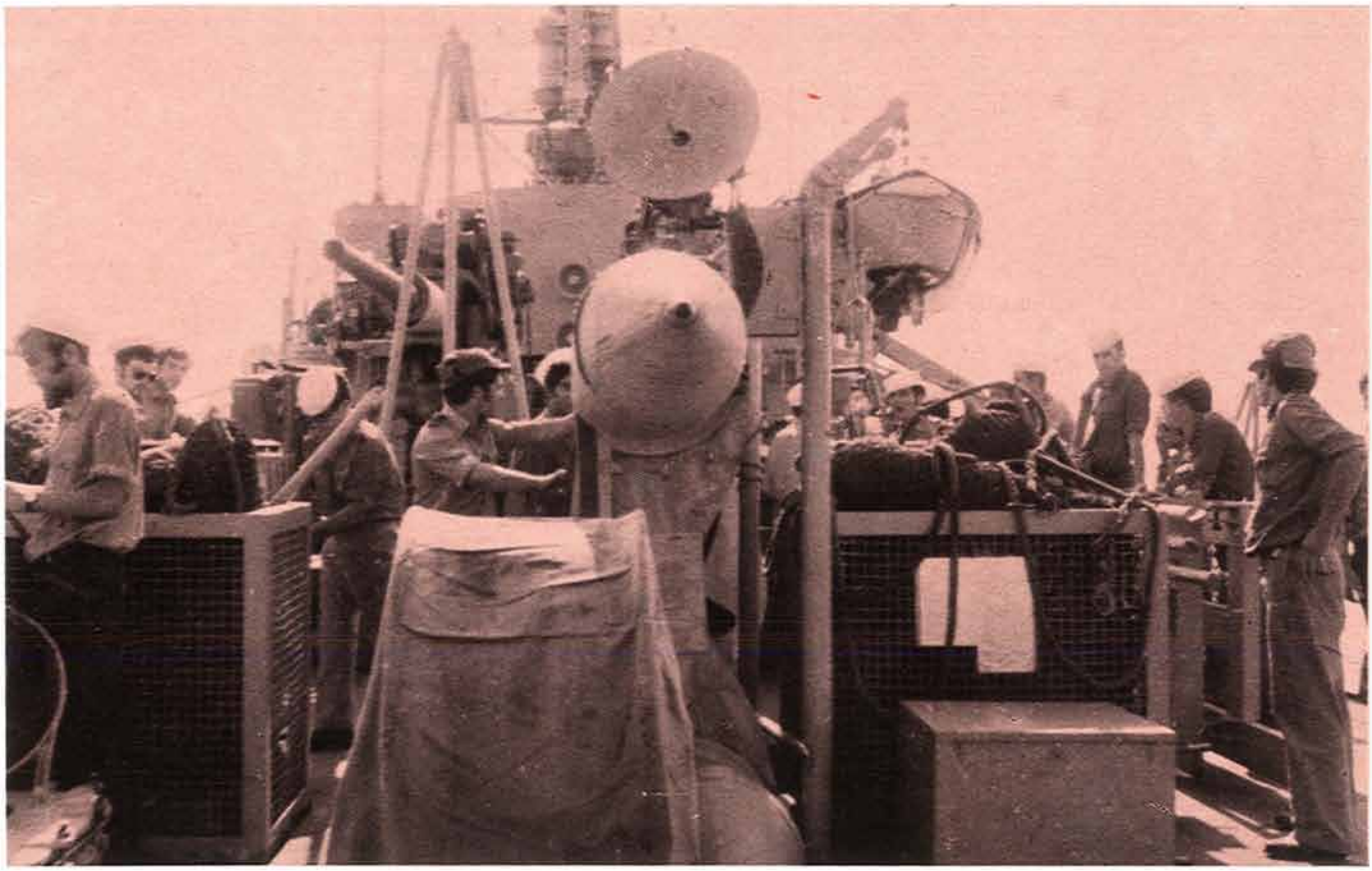
1 – Piada. 2 – Pular. 3 – Povoa. 4 – Praia. 5 – Porém. 6 – Preso. 7 – Píseo. 8 – Pacto. 9 – Praça. 10 – Pobre. 11 – Porco. 12 – Prata. 13 – Pulso.
(Álvares Cabral)

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 16

Pargo, pescada, garoupa, truta, cavala, tainha, linguado, salmão, cherne, iró, sardinha, arenque, carapau, enguia, goraz e ruivo. São consideradas como certas todas as respostas que indiquem o nome de 15 peixes, como era pedido no Concurso.

VENCEDOR: Victor V. Silva, 1836/69/Mar. C, no Comando Naval de Cabo Verde.

Horas de Serviço



A VIDA A BORDO DOS NOSSOS NAVIOS

Hora de Almoço

METRÓPOLE

AVEIRO
Canal das Pirâmides

Foto do 1.º-sarg. ACM Pereira dos Santos

AÇORES

ILHA de S. MIGUEL
Lagoa das Sete Cidades

Foto de autor desconhecido

MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES
O nascer de um novo dia

Foto do 1.º-ten. Cristiano de Oliveira